

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORANEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS
CULTURAIS –
PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS
SOCIAIS

**ASSENTAMENTO CACHOEIRA GRANDE:
FORMAS DE SOCIABILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Glauce Luna Garcia Dulcetti

Rio de Janeiro, Setembro de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal mapear os diferentes grupos que se formam nesta comunidade, bem como entender suas intenções nestas formações; pesquisando as práticas sociais de um assentamento rural, Cachoeira Grande, no município de Magé, no Estado do Rio de Janeiro, em suas múltiplas relações cotidianas. Tomando como ponto de partida as relações entre os moradores e a associação de moradores, busca-se fazer uma análise das relações de lazer e religião, aqui em suas dimensões envolvendo o futebol e a Igreja da Assembléia de Deus, especificamente, dentro da casa de uma moradora, Dona Francisca de Jesus. São pontos importantes neste trabalho: a discussão do conceito de sociabilidade proposto por Georg Simmel; e as interações entre os moradores e a Associação. Para isso, utilizei como metodologia de pesquisa, as entrevistas individuais e coletivas, a observação e a fotografia.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os moradores do Assentamento Cachoeira Grande, em especial ao Sr. Delcaci, pela dedicação, paciência e carinho dispensados, tornando viável esta pesquisa, e aos meus familiares por todo amor que me deram e me ensinaram a dar; por terem feito de suas vidas exemplos de bons seres humanos, por todo orgulho e satisfação que sinto deles serem quem são.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não é somente o resultado de um esforço individual. Apesar de, em muitos momentos, ser solitário, ele representa a união de muitas forças: amizade, companheirismo, amor e profissionalismo.

Gostaria de agradecer em especial, ao Professor Mario Grynszpan, meu orientador, pela acolhida, por seus ensinamentos e por todo crescimento pessoal que me propiciou com sua convivência, bem como pelas oportunidades e paciência incansáveis, nos momentos críticos e pela confiança que sempre me dedicou.

Um muitíssimo obrigado à Professora Marize Bastos da Cunha, amiga estimável e incansável, por suas broncas, empurrões e afagos sempre na hora certa, por suas considerações, sua experiência, suas indicações e como não podia deixar de dizer, pelo nosso Zé (só você sabe o porquê), que como todo o resto veio na 'horinha'. Por fim, por ter feito parte de minha banca de qualificação, pela compreensão, valeu!

Ao meu marido amado Ronaldo, por acreditar, muitas vezes mais do que devia, que eu seria capaz, pelo carinho, incentivo e por f

A Maria da Penha, meu braço direito e esquerdo, que pela grandeza que possuí, adiou seu sonho para compartilhar o meu, não me abandonando, me apoiando e zelando por minha maior preciosidade, minha filha. À sua irmã, Maria da Glória, por preencher as lacunas deixadas por ela.

Aos meus pais Celio e Neide e meus irmãos e cunhada, Flavio, Marcos e Marcele, pelo que nos une ser muito mais do que uma relação sanguínea e de parentesco, mas sim uma relação de carinho, respeito e confiança, por sermos realmente uma família.

A você, Delcaci, como esquecê-lo, pelas dicas, orientações e apresentações. Como seria difícil, sem a dica do pedágio, passar a entrar em Imbariê. Foi providencial. Com a economia pude aumentar o número de visitas ao assentamento.

José Luis, não deixaria de agradecer aos inúmeros almoços feitos e divididos, a comidinha da roça, uma delícia, as conversas durante o almoço e as esperas pelos entrevistados. Cumprirei minha promessa, não vou sumir.

Adriana, por abrir as portas de sua casa e apresentar sua família, tornando possível o capítulo sobre a igreja, sua mãe Dona Francisca, ao pastor Manuel, as irmãs de fé, aos seus filhos pelo aconchego.

Jô, obrigado, mesmo estando todo confuso com a organização do campeonato de futebol, soube encontrar tempo para me ceder uma entrevista, me apresentar outros moradores, bem como a todos os jogadores pela paciência no início e final dos jogos para as fotografias e entrevistas.

A Dona Joana D'arc, pelo carinho, pela sombra, pela entrevista e pela acolhida. Ao seu marido e seus filhos pela compreensão na interrupção do almoço, por ser o horário em que podíamos nos encontrar.

Aos entrevistados, já que sem eles este trabalho seria impossível. Espero que seus frutos possam chegar até eles, retribuindo, um pouco, todos os ganhos que tive com seus relatos.

A todos os amigos e familiares, pois sem eles a vida teria muito menos significado, em especial a Maria Teresa por sua experiência aflitiva de ex-mestranda e atual doutoranda, por suas dicas de textos e afagos, por nosso ‘figo’ de cada dia.

Aos vizinhos do nono andar, Mari, Roberto, Julia, Dona Helena e Seu Jorge, pela amizade, apoio afetivo e momentos de descontração.

Aos amigos do mestrado, em especial, ao “núcleo duro”, pelo companheirismo, amizade e críticas, pela força que me deram para persistir nos piores momentos.

Bem, espero não ter esquecido de ninguém, mas, desde já, deixo aqui meu muito obrigado a Fundação Getúlio Vargas, ao CPDOC. Espero ter sido merecedora da confiança em mim depositada.

SUMÁRIO

RESUMO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

1.1 A Associação como instrumento de sociabilização

CAPÍTULO II – REUNINDO: A COPA DO MUNDO É NOSSA

CAPÍTULO III – O CAMPO DE FUTEBOL

3.1 Segundo contato – O Trabalho

3.2 O torneio

CAPÍTULO IV – A SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA RELIGIÃO

4.1 Dona Francisca: guardiã da Igreja

4.2 Assembléia de Deus: A Igreja da dona Francisca

4.3 A consagração

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Galpão de Alvejamento – Tanques
- Figura 2 Galpão de Alvejamento – Área Interna
- Figura 3 Galpão de Alvejamento – Chaminé
- Figura 4 Galpão de Alvejamento
- Figura 5 Galpão de Alvejamento – Tanques
- Figura 6 Sede da Associação de Moradores – Estrada da Cachoeira
- Figura 7 Estrada da Cachoeira esquina com Rua Brasília
- Figura 8 Sede da Associação de Moradores – Biblioteca
- Figura 9 Sede da Associação de Moradores – Biblioteca
- Figura 10 Sede da Associação de Moradores – Cozinha
- Figura 11 Sede da Associação de Moradores – Cozinha
- Figura 12 Barraca do Carlinhos
- Figura 13 Faixa do Patrocinador do Torneio
- Figura 14 Troféus
- Figura 15 Disputa de Pênaltis
- Figura 16 Joilton - Juiz
- Figura 17 Joilton – Início do primeiro jogo
- Figura 18 Alvejamento Futebol Clube
- Figura 19 Cachoeira Grande Futebol Clube
- Figura 20 Tabajara Futebol Clube
- Figura 21 Oração no início dos jogos
- Figura 22 Dona Francisca de Jesus
- Figura 23 Grupo Vencendo pela Fé
- Figura 24 Pastor Manuel Batista

INTRODUÇÃO



Galpão de Alvejamento

Dentre as contradições mais destacadas da atualidade, podemos citar a que se refere à compreensão das relações que envolvem o indivíduo enquanto inserido na sociedade. Sabemos que o ser humano é eminentemente social. Portanto, necessita viver em grupo, mas o cerne da questão está na discussão da própria formação deste grupo. Ou seja: como este ou aquele grupo se forma? Que forças reguladoras ou impulsionadoras fazem com que um determinado indivíduo se insira neste e não naquele grupo? Como um grupo se mantém?

Esta dissertação tem como tema a sociabilidade de uma comunidade rural: o assentamento Cachoeira Grande, no município de Magé, Estado do Rio de Janeiro. Ali

fui procurar como se formam os grupos, como os moradores interagiam coletivamente e criavam laços entre si. Ao longo deste percurso fui definindo mais claramente os objetivos da pesquisa, partindo do contato com a história e o cotidiano das pessoas daquele assentamento. Aos poucos fui percebendo que havia regularidades em suas trajetórias de vida. Vi que a partir dessas trajetórias eles formavam seus grupos mais particulares.

O assentamento Cachoeira Grande está localizado a aproximadamente 65 quilômetros da Cidade do Rio de Janeiro. Suas terras estão subordinadas ao governo estadual, através do Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ), órgão vinculado à Secretaria de Estado de Agricultura, Abastecimento, Pesca e Desenvolvimento Interior.

O processo de desapropriação destas terras não é muito comum. Ele é fruto da luta de antigos operários da Fábrica de Tecidos América Fabril, que já viviam no local. Este movimento foi empreendido em busca da permanência dos operários nas terras, após a falência da fábrica. A desapropriação de suas terras e criação do assentamento foi realizada entre 1984¹ e 1986², pelo Governo do Estado, durante o governo Brizola.

A Companhia América Fabril – CAF - começou suas atividades em 1878 na região de Pau Grande, nas terras de uma fazenda. Foi chamada inicialmente de Fábrica de Tecidos Pau Grande. Com um crescimento rápido, logo, passou a controlar várias outras fábricas: Fábrica Cruzeiro, em Vila Isabel; Fábrica Bonfim, na região portuária, atual bairro do Caju; Fábrica Mavillis, construída ao lado da Fábrica Bonfim e duas Fábricas no Horto Florestal que pertenciam a Cia de Fiação e Tecelagem Carioca, empresa incorporada pela CAF.

¹ Decreto 7.955, de 28/12/1984, área de utilidade pública para fins de desapropriação.

² Decreto 9.068, de 16/07/1986 de desapropriação.

A Fábrica de Tecidos Pau Grande, no município de Magé, visando à contratação de mão-de-obra, construiu vilas onde os operários morariam, pois havia poucas estradas o que dificultava a circulação. Além das casas das vilas, foram construídas outras, nos limites da fazenda, para marcar até onde iam as terras da Companhia. Distantes umas das outras, nessas casas era permitido plantar alimentos; dava-se um terço da produção à empresa e o que não era consumido pela família, era comprado pela fábrica, que vendia aos operários que não tinham terras para plantar. (Linhares, 2002)

O assentamento Cachoeira Grande está localizado numa das glebas da Fábrica de Tecidos Pau Grande, onde funcionava o galpão de alvejamento de tecidos da empresa. É importante notar que, desde os tempos de funcionamento da fábrica, as terras eram utilizadas para a plantação e suas vilas e casas não sofreram grandes modificações onde, hoje, vivem os moradores do assentamento.

A origem do assentamento e desapropriação das terras da fábrica acontecem, por volta de 1960, privilegiados pela crise econômica por que passava a CAF, devido ao sucateamento de máquinas e equipamentos. A empresa inicia um processo de desativação das fábricas sob seu controle, dentre elas a Fábrica de Tecidos Pau Grande.

Com a desativação de suas fábricas a CAF tenta expulsar os operários, da área de Cachoeira Grande, porém alguns passam a pagar taxas para o Incra, como posseiros, para garantir sua permanência.

para fins de desapropriação em 1984 e somente dois anos depois é assinado decreto de desapropriação, em 1986, garantindo a permanência das famílias na área.

Em 2001, contava este assentamento com 156 famílias, em seus 327,8 hectares, dos quais aproximadamente 85% eram de terras utilizadas pela agricultura e criação. Hoje³, das famílias oriundas do processo de desapropriação, aproximadamente 10% deste total estão ali. A maioria vendeu seus lotes - 40% para moradores de assentamentos vizinhos, 5% para pessoas que vieram de fora, chamados de “veranistas”, e outros 45% de familiares ou amigos de assentados.

A escolha por este assentamento se deu por dois motivos de ordem prática. Primeiro, em virtude de pesquisa anterior coordenada por meu orientador, Professor Mario Grynszpan (Linhares, 2002). O trabalho em questão - um estudo comparativo de projetos de assentamentos rurais localizados no Estado do Rio de Janeiro - pesquisou quatro assentamentos, dentre eles o Cachoeira Grande, que por ser o mais próximo da Cidade do Rio de Janeiro, me remete para a segunda razão de minha escolha. Como não contei, para a realização do meu trabalho, com o auxílio financeiro de nenhuma agência de fomento, nem instituto de pesquisa, Cachoeira Grande se tornou o local indicado para o trabalho.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa etnográfica junto ao assentamento Cachoeira Grande, sendo feitas observações sistemáticas sobre o cotidiano dos moradores, a partir de entrevistas individuais e coletivas, bem como de participações em reuniões, torneios de futebol, e outras atividades de lazer, sempre que possível com registro fotográfico.

O assentamento é observado em suas múltiplas dimensões: o trabalho, o cultivo, o lazer, a igreja e a associação, através das experiências dos moradores como ponto

³ Dados informados pela Associação de Moradores do Assentamento Cachoeira Grande.

central para a compreensão da sociabilidade e das múltiplas significações da vida individual e coletiva, em suas relações cotidianas, como definidas por Netto (2005);

A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre, etc... Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência. (2005:23)

São descritas formas pelas quais distintas sociabilidades vão construindo simbolicamente os diferentes espaços deste assentamento. Momentos de intensa interação social, como o torneio de futebol, quando se registram “formas lúdicas de sociação” (Simmel 1983:168), a “interação entre iguais”, revelando jogos e conversas animadas. Como diz Simmel, “De fato, entre todos os fenômenos sociológicos, com a possível exceção de ‘olhar um para o outro’, a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade” (1983:177).

Várias expressões de sociabilidade foram descortinadas no decorrer da pesquisa de campo, entre elas: cooperação, conflito e controle.

Pretendo discutir como as formas sociais - Simmel (1983) - ou formas de sociabilidade - Comerford (2003) - tanto servem para mediar conflitos e fortalecer lutas por objetivos comuns, como são fundamentais para a manutenção e existência do grupo. É necessário também refletir até que ponto as formas de interação podem frustrar

quando viram obrigações. Até que ponto as brincadeiras ou manifestações culturais assumem uma importância estratégica.

Para desenvolver essa análise, vou utilizar como referência teórica Georg Simmel, sociólogo e filósofo alemão, e para viabilizar este projeto, irei me concentrar em sua obra *sociologia*⁴, que me possibilitará articular as formas de sociabilidade deste grupo.

Tomo como ponto de partida o sentido expresso na definição apresentada nos dicionários: sociabilidade aparece como a qualidade de sociável (*sociável: que se pode associar, que gosta de viver em sociedade, que é dado à vida social; tendência para a vida em sociedade; sociabilidade; maneira de quem vive em sociedade*).

Para Simmel, sociabilidade é definida como uma forma específica de interação social, como também são o conflito, a competição e a dominação. Assim, tratava de relações sociais que apareciam e desapareciam constantemente, usando o conceito de sociação, ao invés de sociedade. Para Simmel Sociação é entendida da seguinte forma:

A sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas. (Simmel 1983:166)

A partir desta noção de sociação, definida como o modo pelo qual os indivíduos se aproximam em núcleos de satisfação de seus interesses, Simmel (1983) considera que

⁴ SIMMEL:1983

o conteúdo de uma sociação é o que está presente nos indivíduos, como: impulsos, interesses, inclinações e propósitos. Movimentos que visam mediar influências sobre os outros. A partir de seus propósitos, das condições práticas e das necessidades, os indivíduos trabalham suas inteligências, vontades, criatividade e sentimentos sobre os materiais da vida, conformando-os como elementos de usos específicos da vida de cada um. Entretanto, esses materiais tornam-se parte dos objetos que criam, e, assim, passam a ter vida própria, independente dos propósitos originários, adquirem fascínio exatamente por essa desvinculação: sociabilidade, forma autônoma e lúdica da sociação.

Simmel compreende a sociabilidade como uma forma, dentre outras possíveis, de sociação. Se uma sociação qualquer implica o agrupamento em torno da satisfação de interesses, uma finalidade qualquer, na sociabilidade encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação; o que vale é a pura forma e é por meio dela que se constitui uma unidade. No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, os quais tem em si mesmos a sua razão de ser.

Durante o trabalho de campo privilegiei o filósofo e sociólogo Georg Simmel como arcabouço teórico, por ser uma ferramenta importante que me auxiliou por todo processo de entrevistas e observação aos moradores do assentamento Cachoeira Grande. Portanto, através dos seus conceitos de sociabilidade, sociação e interações sociais, pude perceber com objetividade os espaços sociais e as redes de sociabilidade que se formam no assentamento.

Inicialmente fui travar contatos com os dirigentes da associação de moradores, que me receberam da forma acolhedora, dando dicas, descrevendo o assentamento, mostrando cada canto, apresentando moradores, dos mais antigos aos mais novos.

Neste primeiro momento o meu interesse estava direcionado por um mapeamento das formas de sociabilidade deste grupo: aonde aconteciam os encontros, as festas, os lazeres, quais as igrejas, quais os grupos.

Feito esse mapeamento, pude crivar o que de mais importante serviria a minha pesquisa. Foi, então, que escolhi como objeto de estudo a Igreja da Assembléia de Deus, que fica no terreno da casa da Dona Francisca, que é mãe de Adriana, secretária da associação de moradores; a própria associação, por ser o grande eixo de ligação entre o Poder Público e os moradores e a grande agregadora e controladora da unidade comunitária; e para finalizar, as relações no campo de futebol, ponto de encontro nos fins de semana, para a famosa “pelada”.

As entrevistas tiveram como foco as pessoas que freqüentavam a igreja. Na verdade, existem duas Igrejas da Assembléia de Deus no assentamento. Porém, a mim coube analisar, somente uma delas, a do terreno da Dona Francisca, e os freqüentadores dos jogos de domingo - não só os jogadores, mas também os organizadores e torcedores e as crianças que neste espaço trabalham como “gandulas”.

Se por um lado o conceito de sociabilidade, interação social e sociação seguiram o referencial de Simmel (1983), por outro a concepção de estabelecidos e outsiders desenvolvida por Elias e Scotson (2000) foi central a esta análise, para o entendimento das diferentes posições que os moradores ocupam em seus espaços sociais, pois se a noção de pertencimento ao assentamento é, até certo modo, uma unidade, por vezes este mesmo morador poderá ser um outsiders, na medida em que não pertença ou comungue dos rituais religiosos ou de lazer.

A contribuição sobre a divisão proposta por Elias e Scotson (2000) entre “nós” e “eles”, para esta dissertação, é pensar o que faz um morador se perceber num dado grupo e negar a presença do outro, assim como diz Elias (2000):

“O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles”. (2000:37-38)

Desta forma, consegui perceber os laços que unem um determinado indivíduo a um grupo específico, quais as normas e rituais, que devem ser seguidos para que o grupo o reconheça como um integrante. Percebemos que ora são as relações consangüíneas, ora as normas religiosas, ora a situação de morador do assentamento, ora a condição de membro da associação de moradores entre outras formas de interações. Assim, consegui delinear os vários interesses e necessidades que fazem com que um determinado morador se insira num grupo determinado.

A pesquisa de campo não seria possível sem a importante contribuição de Comerford (1999), ressaltando que as dimensões das reuniões de trabalhadores rurais estão relacionadas ao desenvolvimento de laços de sociabilidade entre seus participantes. As reuniões⁵ propiciam um espaço de socialização entre as famílias, sejam formais ou informais.

Comerford (2000) foi importante como modelo teórico de minha dissertação, o

Uma referência teórica que foi fundamental, principalmente para a existência do capítulo II, é Huizinga (2005), por sua definição de jogo “que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (2005:4). Desta forma, pude pensar as relações sociais dos moradores do assentamento Cachoeira Grande para além de suas interações, com seus reais motivos e interesses, onde as intenções é que serão relevantes em seu constante movimento.

Durante o tempo de pesquisa, no campo, a ocorrência de eventos foi intensa, pois durante este período ocorreram: torneio de futebol, festa de aniversário do grupo de jovens do assentamento, adoecimento de freqüentadores da igreja. Pude, desta forma, observar a mobilização dos “irmãos de fé”, bem como freqüentar os cultos.

A disposição dos capítulos nesta dissertação é coerente com a metodologia de pesquisa adotada, já que num primeiro momento fiz a coleta de dados e bibliografia, bem como sua leitura e fichamento; depois o mapeamento e observação do assentamento; e finalizei com a escolha dos campos sociais a serem analisados (Igreja, Associação e campo de futebol), com entrevistas e participações.

O primeiro capítulo tem a função de analisar a importância da associação de moradores na manutenção deste grupo e observar de que forma os mecanismos de autoridade e liderança, bem como as atividades de lazer propostas por ela, são formas sociais de interação que visam à unidade do assentamento.

O segundo capítulo analisa as reuniões dos moradores em tempo de Copa do Mundo. Ou seja, como cada um assiste aos jogos, quais as intenções e interesses dos moradores quando se reúnem em dia do jogo da seleção. Perceber a Copa do Mundo como um espaço de sociabilidade, onde cada grupo em particular tem um objetivo específico ao se reunir.

O terceiro capítulo é uma análise da principal atividade de lazer do assentamento, o jogo de futebol, uma vez que no campinho as intenções dos jogadores e freqüentadores ultrapassam a idéia de jogo. Percebemos o quanto, em determinado momento, o lazer pode tornar-se obrigação. Percebemos quanto os “de fora” passam a ser “de dentro”. Neste capítulo, finalmente, podemos perceber a forma mais rotineira da vida destes moradores.

No quarto capítulo, procura-se entender os processos de sociabilidade do assentamento, através de sua relação com a Igreja. Privilegiando a Igreja da Assembléia de Deus, analiso como os rituais são vitais para a manutenção dos fiéis.

No último capítulo encontram-se as considerações finais, que deverão dar conta de avaliar se as perguntas foram respondidas. Posso adiantar que neste tipo de pesquisa, exatamente por sua natureza, as interações, por sua riqueza estar na dinâmica de suas relações. Pelo pequeno prazo para o trabalho de campo, não tive como objetivo encerrar a discussão, mas abrir caminho para uma discussão mais profunda das relações sociais e de lazer deste assentamento, uma vez que sua trajetória de lutas e resistência já foram bastantes analisadas em pesquisas anteriores⁶.

As entrevistas privilegiaram as pessoas que participaram de atividades nos campos sociais pesquisados, como moradores filiados à associação de moradores, fiéis (moradores ou não) da Igreja da Assembléia de Deus, no terreno da casa da Dona Francisca e pessoas (moradores ou não) que freqüentam os jogos de futebol.

Optei por utilizar somente as iniciais de alguns entrevistados, de maneira a preservar a identidade, a pedido dos próprios. Isso não interfere na análise, já que o que interessa são as interações entre os atores e não suas histórias. Os nomes de ruas,

⁶ LINHARES, 2002.

localidades, assentamento, associações, clubes dentre outros, são citados pela forma como são conhecidos, podendo não ser os nomes verdadeiros.

As entrevistas não seguiram um padrão formal de execução, privilegiei os acontecimentos. Através de conversas informais, pude perceber a dimensão destes eventos em suas reais intenções. Apenas três entrevistas foram gravadas e seguiram um padrão mais formal, são elas: Sr. Delcakil Luciano, Dona Francisca e o Jô. Estas três pessoas estão à frente, respectivamente, da associação de moradores, Igreja da Assembléia de Deus e organização dos torneios de futebol, tornando-se importantes para o entendimento dos processos organizacionais de cada espaço social trabalhado.

É claro que me perdi, mas consegui chegar. Depois de alguns quilômetros, mais que o necessário, parei num bar, bem na divisa do assentamento, e perguntei onde morava o Sr. Delcaci. De posse da informação, me dirigi à sua casa.

As delimitações do assentamento são muito bem definidas, iniciam-se no campo do Vasquinho, clube de treinamento de futebol, na rua Alvino,⁷ e terminam na rua Alcindo Guanabara. Ligando estas duas ruas existe a estrada principal, conhecida pelos moradores como Estrada Estadual e, paralela a ela, a Estrada da Cachoeira. Outra rua de relevante importância é a rua Brasília, por sediar a associação de moradores.

No assentamento existem duas concentrações de casas, uma no final da rua Brasília, onde se encontra o campo de futebol, e outra na rua Alcindo Guanabara, próxima ao Colégio Municipal Marcílio Dias, única escola do assentamento. É importante dizer que essas casas são remanescentes das antigas vilas operárias, do período de funcionamento da fábrica. É claro que suas casas sofreram algumas reformas e que seus lotes foram alterados.

Neste dia percorremos todo o assentamento, fomos ao galpão de alvejamento (ver anexo figuras 1-5) da antiga Fábrica de Tecidos América Fabril, situado à Estrada da Cachoeira, lugar onde aconteciam às primeiras reuniões da associação de moradores, debaixo de um pé de mangueira.

Fomos à cachoeira que dá nome ao local, conheci as vilas de casas, fui apresentada ao casal Dona Maria da Glória e Sr. Miguel, ex-diretores da associação de moradores. Ele, ministro da Eucaristia da Igreja Católica São José Operário.

Fomos à casa de Dona Joana D'Arc, uma das moradoras mais antigas, ex-diretora da Associação de Pequenos Produtores, membro da Igreja da Assembléia de Deus – Igreja do assentamento do INCRA, do outro lado da Estrada Estadual - conheci seu marido Sr. Paulo Roberto, ambos antigos operários da fábrica.

Assim, delimito os objetos de estudo neste primeiro contato e dou seguimento ao trabalho de campo, marcando outras reuniões, conhecendo outras pessoas, fazendo

⁷ Este não é o nome verdadeiro da rua. Os moradores a chamam por este nome, em homenagem ao Sr. Alvino, antigo morador, já falecido, que trabalhou na fábrica e participou das lutas pela permanência nas terras, tendo sido muito importante no processo de desapropriação.

amizades, participando o quanto foi possível devido às limitações já descritas, das atividades cotidianas da comunidade, de suas formas de lazer e de suas atividades associativas.

I – A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES



Sede da Associação de Moradores

Este capítulo tem como objetivo analisar as formas de sociabilidade da associação de moradores do assentamento Cachoeira Grande, bem como as interações entre os moradores e a associação, que são importantes e responsáveis pela manutenção do assentamento.

Com o intuito de traçar um perfil da importância da associação na vida dos moradores de Cachoeira Grande e obter um maior conhecimento das características infra-estruturais da localidade, foram feitas entrevistas, na maioria das vezes de maneira informal, com os moradores.

Estas entrevistas foram produzidas nas instalações da sede da associação de moradores, privilegiando àqueles que iam buscar informações na administração, ou fazer pagamento da mensalidade de associados.

Apesar das pesquisas sociais, geralmente, privilegiarem os informantes que estão no centro dos acontecimentos, que possuem um certo domínio das ocorrências e detêm certo poder como: lideranças locais, chefes de família e moradores mais antigos, esta pesquisa privilegiou as pessoas mais comuns – não deixando de entrevistar lideranças e moradores antigos - tentando desta forma, traçar um perfil das ligações dos moradores com a associação, em suas relações cotidianas, seus anseios e intenções mais rotineiras.

Nas entrevistas com os moradores foram considerados os seguintes aspectos como prioritários: qualidade de vida, segurança, transporte, educação, saúde e lazer. Desta forma, intenciono demonstrar como as deficiências estruturais do local dificultam interações fora dos limites do assentamento e deste modo perceber a importância das relações internas.

Ao entrevistar o Sr. Delcaci Luciano, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Magé, componente da diretoria da associação de moradores do assentamento Cachoeira Grande e da diretoria da Cooperativa Mageense de Produtores Rurais, procurei obter um histórico da associação de moradores, como ela foi originada e qual sua importância na vida dos moradores. Assim, comecei a traçar um perfil das necessidades e angústias deste assentamento, tendo como foco suas relações sociais.

A sede da associação de moradores está localizada na esquina da Rua Brasília com a Estrada da Cachoeira (ver anexo figura 6 e 7), ocupa uma área privilegiada e central no assentamento, já que fica entre as duas ruas mais expressivas da comunidade, ponto de passagem da maioria dos moradores.

O prédio da sede da associação de moradores é uma construção ampla, sem muitas divisões. Em seu interior existem apenas quatro cômodos e dois banheiros (um feminino e um masculino); a sala da diretoria, a sala da administração (onde os moradores são recebidos - sempre num ambiente bem informal), a cozinha (ver anexo figuras 10 e 11) equipada com fogões industriais, freezer, geladeiras, com toda estrutura para servir a um grande número de pessoas e a maior sala, onde acontecem todos os tipos de reuniões (que serão discutidas no decorrer deste capítulo), assembleias, bailes e forrós. Nesta sala maior, a pouco mais de um mês, foi instalada uma biblioteca (ver anexo figuras 8 e 9) e onde a cada quinzena acontecem aulas de cabeleireiro, visando preparar moradoras para o mercado de trabalho.

Antes da construção da sede as reuniões ocorriam no galpão de alvejamento (ver anexo figuras 1 a 5), debaixo de uma mangueira. Somente no final da década de noventa – não me souberam informar a data exata – com o auxílio do Serviço de Educação e Organização Popular (SEOP), foi aprovado um projeto para a construção da sede da associação de moradores.

A associação de moradores tem uma função bastante importante na manutenção do assentamento, já que figura como um dispositivo no controle da venda de lotes e acesso aos benefícios, como financiamentos agrícolas aos moradores. Neste capítulo analisaremos os mecanismos de controle utilizados pela associação de moradores visando sua unidade e, também, sua importância como espaço de sociabilização dos moradores (sejam filiados ou não).

1.1 – A ASSOCIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE SOCIABILIZAÇÃO

A associação de moradores do assentamento Cachoeira Grande é um dos núcleos mais importantes da vida comunitária desta localidade, pois é, não somente, a ponte entre os assentados e o poder público mas, também, a mantenedora deste grupo. Aqui, cabe estudar, quais os mecanismos que são utilizados para preservação do grupo, analisar as interações sociais, entre moradores e a associação, e quais as sociações que se formam para a manutenção desta comunidade, como diz Simmel:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou idéias, momentâneos ou duradouros, conscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teologicamente - que os indivíduos constituem tais unidades. (1983:60)

A comunidade Cachoeira Grande possui sua sociabilidade associada ao assentamento; é possível observar, nesta comunidade, uma divisão social entre o grupo de agricultores, formado por moradores que participaram do processo de resistência, moradores advindos de outros assentamentos, parentes e amigos desses moradores, com um objetivo comum a agricultura familiar, e os moradores de “fora”, formados por

“veranistas” ou “sitiantes” e moradores que não possuem nenhuma ligação com a agricultura familiar. Tal constatação nos remete à divisão social proposta por Norbert Elias (2000) entre os “estabelecidos” e os “outsiders” ao estudar um bairro de trabalhadores, também aparentemente homogêneo. Em nosso caso, dentre os de “fora” distinguem-se os moradores procedentes de áreas urbanas, os turistas e os que têm residências secundárias, principalmente que não estejam imbuídos no processo da agricultura familiar. Em suma, o universo social desta comunidade tem uma pluralidade de categorias sociais.

Não podemos deixar de perceber que a noção “de dentro” e “de fora”, neste caso pode gerar uma aparente confusão, já que os “de fora” são “de dentro”, na medida em que possuem residência no assentamento. Portanto, deste modo, devemos ter claro, que o que aqui chamamos de “de fora”, são proprietários que estão fora do processo de agricultura familiar, neste caso, possuindo apenas residências de veraneios ou mesmo moradores que não têm uma preocupação com a terra.

Este fator interessa na medida em que os “agricultores” ou “de dentro”, acreditam na possibilidade dos “de fora” tornarem-se de alguma forma uma ameaça ao grupo. Dessa maneira, uma forma de controlar o acesso dos “de fora” é a fiscalização da associação quanto à venda dos lotes, alegando que as vendas só se tornam legítimas com a aprovação do ITERJ, podendo, inclusive, invalidar a venda.

Este mecanismo torna-se para a associação uma forma de controlar as vendas, já que a grande ameaça do assentamento encontra-se na possibilidade de se acabar com a agricultura. Como diz Delcakil; “Quantos têm sitiante aqui? Poucos, talvez não tenham mais, porque a gente segura, bota o peito na frente” e dá um exemplo:

Vamos dar um exemplo, o José Luiz aqui é um proprietário, e quer vender a propriedade dele, sei lá, por qualquer motivo, porque brigou com a mulher, sei lá. Do lado dele tem um agricultor familiar que não tem um capital pra pagar a parcela dele. Aí o José Luiz prefere não vender para aquele agricultor familiar porque acha que ele não tem dinheiro que paga o que ele acha que vale a parcela dele. Aí ele vende pro Zé da padaria lá fora, que tem mais dinheiro, mas que não se enquadra no assentamento. A nossa orientação, enquanto Diretor é essa: quando for passar a sua parcela veja para quem está passando e vai à associação. Então, quando esse parceleiro que está passando, vem aqui nos avisar que vai passar, qual é o nosso critério? Vamos ao ITERJ. Se ele vai se enquadrar lá ou não, não é um problema nosso, quem vai dizer é o ITERJ.”

De uma maneira geral a autoridade exercida pela associação é legitimada pelos moradores, mesmo que apenas uma parte seja associada. Isso aparece de forma ambígua já que de um lado à associação cabe controlar a venda de lotes e por outro necessita da adesão do morador para manter seus custos financeiros. Esta ambigüidade de interesses deixa clara a principal preocupação da associação, a comunidade agrícola. Pois durante todo tempo em que convivi na associação de moradores o assunto girava em torno da agricultura. Portanto, mesmo sabendo das dificuldades financeiras acarretadas pela não associação de um morador o risco maior é com a venda do lote, para os “de fora”, caracterizando, desta forma, o grupo maior desta comunidade: os agricultores rurais.

Outra forma de controle do acesso dos “de fora” é a grande preocupação de formar novas lideranças. Neste caso, o que apavora não é só a falta de possibilidade na

continuidade de projetos, mas também o medo de que cada vez mais os jovens da comunidade procurem outros caminhos que não o trabalho no campo. Dessa maneira, podemos nos remeter a Simmel, que diz:

A saída dos elementos antigos e a entrada dos novos operam-se tão progressivamente que o grupo dá impressão de um ser único, exatamente como um organismo no centro o escoamento incessante de seus átomos. Se essa substituição se efetuasse uma só vez, se a certa saída em massa sucedesse bruscamente uma entrada em massa, pouco fundamento teríamos para dizer que o grupo, apesar da mobilidade de seus membros, subsiste em sua unidade. No entanto, constituírem os recém-chegados, a cada momento, uma minoria ínfima com relação àqueles que já compunham a sociedade no momento anterior, é o fato que lhe permite continuar idêntica a si própria, mesmo que, em duas épocas mais afastadas, o conjunto do pessoal social fosse inteiramente renovado. (1983:52)

Através do que diz Simmel, percebemos que, apesar de sabermos que o indivíduo tenha um tempo limitado, o grupo deve permanecer e para isso é importante que haja, mesmo em suas modificações, uma unidade e uma continuidade. As lideranças devem sempre ser substituídas e para isso é necessário formar outras, quantas necessárias. Um desses mecanismos foi à contratação da Adriana⁸ para a secretaria da associação. Foi uma forma de, inicialmente, inseri-la no mercado de trabalho, já que estava desempregada, e a outra foi o fato de trazer uma jovem, filha de assentado, que

⁸ A Adriana é moradora do assentamento e filha da Dona Francisca, dona do terreno onde foi construída a Igreja da Assembléia de Deus que foi objeto desta pesquisa, capítulo III, desta dissertação.

está desde o início do processo, para dentro do processo político, trazê-la para dentro da associação de moradores e deste modo, inseri-la no processo político da comunidade.

A Associação de Moradores possui vários projetos de inserção do jovem na vida política da comunidade, dentre eles o incentivo dado em reuniões aos jovens à formação superior com cargos que possam ser incorporados ou aproveitados pela comunidade.

Um exemplo disto acontece dentro da família da própria diretoria da associação: Delcacil tem dois filhos. A menina, que está em idade de prestar o vestibular no ano que vem, resolveu fazer enfermagem, “eu acho ótimo”, diz ele, “porque depois nós podemos fazer aqui no assentamento um projeto social para dar assistência aos moradores. Mas será que ela vai querer? Existe uma mentalidade de que médico e enfermeiro só podem trabalhar em Hospital”. E ele completa:

“A mentalidade hoje é muito complicada, as pessoas querem ter filho doutor, médico, advogado. O jovem fala com o pai, - quero fazer agronomia, em vez dele dizer que bom nos podemos melhorar a terra, a produção, o pai – diz – não ta doido, vai fazer medicina, esse negócio de engenheiro agrônomo não dá futuro, não.”

Visando as eleições de 2008 para ocupação dos cargos de diretoria da associação de moradores, a atual diretoria tem uma proposta de, no próximo ano, intensificar a participação dos jovens na vida política do assentamento, através de encontros e reuniões.

A criação de um slogan tentando mobilizar os jovens do assentamento para a formação de novas lideranças – “VOCÊ DECIDE O DESTINO DA AGRICULTURA DE MAGÉ” – tem um grande apelo à permanência na zona rural.

A importância de novas lideranças está na possibilidade da continuidade dos projetos para a agricultura familiar, as intenções desta formação transcendem a participação local; o objetivo é ter representantes em várias instâncias políticas, que possam representar os interesses da comunidade agrícola de Magé.

Deste modo as reuniões, sejam em qualquer instância, lazer ou política, tornam-se uma arma da associação visando unidade do grupo. Pois, através delas, na opinião da diretoria: “surgem as grandes lideranças e as grandes idéias como se fosse na Igreja católica com a vocação para padre”, assim como diz Comerford (1999):

“(...) as reuniões (...) tem como objetivo mostrar que para além de sua dimensão instrumental de simples meios de tomar decisões ou discutir assuntos dos interesses dos membros das organizações, as reuniões podem ser vistas também como um elemento importante na construção desse universo social, na medida em que criam um espaço de sociabilidade que contribui para a consolidação de redes de relações que atravessam a estrutura formal das organizações. (1999:47)”.

Portanto além da formação de lideranças e das participações políticas, no caso do assentamento, as reuniões tem uma importância de sociabilizar os moradores através dos encontros entre moradores e de suas interações antes, durante e depois das reuniões, na conversa, nas brincadeiras e até mesmo nas discussões mais acaloradas.

A proliferação da venda de lotes, sem um controle da associação, é uma preocupação, pois caso ocorra, há o risco da mudança do ambiente social e a tendência para a violência e “favelização”. Um exemplo disto é quando na entrevista da Dona

Francisca de Jesus, ela diz: “nós fazemos de tudo para não deixar entrar estranhos aqui, para não virar Imbariê e Parada Angélica”, referindo-se ao medo da entrada de pessoas que não são de alguma forma conhecidas de algum morador do assentamento. Outro exemplo do medo do processo de “favelização” é quando, na entrevista do Delcaci, sobre a formação de novas lideranças, ele diz:

“(…) o secretário de planejamento de Magé, não está nem aí para a agricultura, se ele pudesse fazer loteamento urbano, ele urbanizava isso tudo aqui.(…) Devemos começar a pensar e refletir sobre isso, senão, vamos viver como? Encher de casa isso aqui, começar a jogar esgoto um na porta do outro, nós temos que pensar, onde nós queremos viver? Queremos viver numa favela? Então devemos pensar na agricultura, o que nós queremos para a agricultura de Magé?(…)

Assim, a venda de lotes sem o controle da associação coloca-nos diante de outra ambigüidade, pois se por um lado, o assentado vê como um direito à venda de seu lote, mesmo sendo ilegal, para resolver problemas financeiros, por outro acarreta problemas sociais. Por isso o controle exercido pela Associação.

A associação de moradores possui, aproximadamente, 50% de moradores filiados, segundo o Delcaci, isso se deve as diferentes visões exercidas pelas diretorias que passam pela associação. Pra ele as divergências se manifestam em várias situações, dentre elas, exatamente no quesito filiação. No caso desta diretoria, como diz Delcaci; “nós fazemos tudo como manda o figurino. Orientamos os moradores que um dos requisitos para ser associado aqui é ele ser aceito pelo ITERJ. Isso é uma orientação do

Estado”. Sendo assim só 50% estão com o processo de suas terras legalizado. Porém, os outros 50% de moradores não filiados, também são, de alguma forma, beneficiados pela associação de moradores, pois apesar da não filiação este morador, ele não é alijado do processo político do assentamento.

Os moradores, como o caso da Dona Francisca, sempre que percebem alguém diferente, perguntam sobre o nível de parentesco com alguém da localidade, revelando assim um esforço na tentativa de localizar um “estranho” que tem alguma relação com o mundo local, tentando associar à localização geográfica, à reputação de pessoas, localidades e famílias. Isto se percebe também em conversas cotidianas, alguns exemplos foram vivenciados por mim. Quando eu andava de carro pelo assentamento percebia uma certa curiosidade das pessoas. Porém, quando o carro se aproximava e via o Delcaci⁹, a sensação de desconforto logo dava lugar a certo alívio e me cumprimentavam. Outro exemplo foi no dia em que perguntei a Adriana (secretária da associação):

- Adriana, posso fazer uma entrevista com a sua mãe? Acha que ela se importaria?

- Claro que pode,

- Qual o melhor dia?

- Pode ser qualquer dia, minha mãe não sai, só me liga antes para eu falar com ela, por que ela é muito desconfiada, sabe como é, né?

Minha mãe é muito arredia.

⁹ Pelo menos 50% das vezes que fui ao assentamento, fui guiada pelo Delcaci.

Os moradores estão sujeitos a uma rede de observação mútua. Tanto há o controle da associação como dos próprios moradores, onde há um levantamento das relações de parentescos imediatamente, que são, produzidos, atualizados e compartilhados em conversas e associadas a referências geográficas, genealógicas, entre outras. Por exemplo, quando você pergunta um endereço e a pessoa responde: “fica logo ali, ao lado da casa da “Dona Fulana”, ela é cunhada do “Seu Sicrano””. Assim formam-se conhecimentos das vidas uns dos outros, de maneira quase obrigatória, sendo uma maneira de autopreservação.

Um bom exemplo pode ser medido quando fui apresentada a um morador pelo Delcaci: “- Esta aqui é a Glauce, ela está fazendo uma pesquisa, é amiga nossa” e o morador respondeu: - “Amiga do Delcaci é nossa amiga...”. Ou seja, esta referência anterior é importante, pois, o processo de confiabilidade é naturalizado, não há desta forma um estranhamento.

Assim, os moradores constroem um mapa de referências familiares e geográficas que é naturalizada e transmitida a todos. Outro exemplo a ser citado é a forma como os entrevistados se referem a algum morador, sempre adjetivando ou relacionando a alguém ou alguma coisa, ou mesmo a relação de temporalidade no local, por exemplo:

“(...) o campo de futebol, fica ali em frente à casa da Dona Joana D’arc, ela é uma das moradoras mais antigas aqui do assentamento. Se a senhora tiver alguma dificuldade ela sabe de tudo é só perguntar, ela é amiga de todo mundo, pergunta só ao Delcaci, aqui todo mundo conhece ela...”

Percebe-se, desta forma uma hierarquização associada a um critério de antiguidade no local. Existe um respeito aos moradores antigos por terem participado do processo de desapropriação das terras. Outro critério de hierarquização é associado à reputação que uma determinada família possui. Ou seja, o bom nome, o bom relacionamento com outros moradores. O caso da rua Alvino é um bom exemplo, seu nome foi associado à rua por sua importância dentro do assentamento.

Portanto, a relação de respeito entre os moradores é desta forma associada não só a sua situação de agricultor familiar, mas também a sua reputação, antiguidade no local, participação no processo de desapropriação, afetando desta forma toda a dinâmica do “mapeamento social” (Comerford, 2003). Afinal, estamos falando de uma comunidade em processo constante de transformação, onde vendas de lotes são frequentes, novas pessoas chegam o tempo todo. Portanto, a hierarquização e o mapeamento estarão mudando a todo o momento, assumindo várias configurações. Durante o período em que estive na associação entrevistando os moradores que se dirigiam a ela, pude acompanhar, pelo menos cinco casos de pessoas solicitando apoio na associação para legalizar a compra do lote. Interessante que todos tinham um contato anterior com o assentamento, amigo ou parente de algum morador.

A associação de moradores tem uma função importante também na administração de conflitos, como foi, por exemplo, com relação à vinda do ITERJ ao assentamento, com o objetivo de demarcar as terras, já que estavam ocorrendo divergências entre moradores em relação ao tamanho de lotes. Para acabar com as desavenças a associação de moradores solicitou um mapeamento ao ITERJ. Sabe-se que a convivência entre vizinhos é um campo fértil de desavenças, mesmos nos casos mais acolhedores. Segundo Simmel essas oposições “atuam como princípio de união” (1983:55), para ele:

(...) porque os indivíduos também têm necessidades de se oporem para permanecerem unidos. Essa oposição pode manifestar-se igualmente ou pelo contraste que apresentam as fases sucessivas de suas relações, ou então pela maneira segundo a qual o todo que eles formam se diferencia do meio ambiente moral que os envolve. (...) Contudo, estas mesmas sociações, sem apresentarem estas diferenças externas, podem vir a ser mais conscientes de sua felicidade, opondo-se ao resto do mundo, a tudo quanto aí ocorre e a tudo que dele se conhece. Esta segunda forma de oposição é, certamente, a mais elevada e a mais eficaz. A primeira possui tanto menos valor quanto mais os períodos alternados de acordo e de conflito sejam mais curtos e se sucedem mais de perto. (1983:56)

A referencia de Simmel (1983) sobre conflito aplica-se ao caso do conflito causado pelo tamanho dos lotes, embora as relações tenham ficado até certo ponto estremecidas, a mediação por parte da associação, foi importante para a resolução do problema. A presença do ITERJ beneficiou todos os moradores e poupou futuros conflitos, já que as demarcações foram feitas em toda área do assentamento.

Desta forma o conflito aparece como forma indispensável ao processo de sociação, pois ele não é só um fator dissociador, mas pode e deve ser encarado com a função de manter o grupo, pois através da superação das divergências o grupo se fortalece.

A importância do ato de se opor pode ser fundamental à manutenção do grupo, pois se por um lado a oposição gera o conflito, também gera a união para se chegar ao

consenso, tornando muitas vezes o grupo mais sólido. Apesar das várias mobilidades que o grupo atravessa é fundamental que, no fim, ele seja uma unidade social, como diz Simmel:

O fato de que a oposição pode servir à conservação do grupo é o exemplo mais típico da utilidade que, nesse mesmo objetivo, é oferecida pela variabilidade social em geral. (...) A unidade social é o elemento constante que persiste idêntico a si próprio, embora as formas particulares que ela recebe e as relações que ela mantém com os interesses sociais sejam infinitamente móveis; e essa constância tanto mais acusada quanto maior for a mobilidade.

(1983:57)

A Associação de Moradores possui várias atribuições, com a finalidade principal de preservação da comunidade enquanto uma unidade agrícola, já que a grande preocupação é o medo da urbanização do assentamento.

Dentre suas atribuições a promoção de eventos é uma das mais importantes. Visando compensar a deficiência de lazer no assentamento, gerada pela falta de opções e dificuldades de acesso à cidade - as redes de transporte circulam precariamente¹⁰ - eles (os eventos) conseguem reunir um número maior de pessoas do que as assembléias “oficiais”.

O terreno onde foi construída a sede da associação é utilizado para comemorações e festas. Existe um projeto de construir uma quadra de esportes, entravado pela falta de verba. Perguntei ao Delcacil se as áreas da associação, interna ou

¹⁰ Reclamação feita por todos os entrevistados.

externa, eram cedidas a comunidade para cultos religiosos ou para festas de moradores, em caráter privado. Ele me disse que não, pois, acabaria descaracterizando seu caráter de coletividade.

Portanto, mais do que apenas representar valores, esses eventos, essas interações ou práticas sociais, contribuem para construir e transformar esses valores, na medida em que cada evento é pensado de forma a reunir os moradores, visando a manutenção do grupo.

A associação de moradores sempre procura mecanismos para driblar as dificuldades encontradas para reunir os assentados, já que quando marcada uma reunião, menos da metade comparece, como relato da Diretoria;

“Se hoje nós convocarmos uma assembléia aqui na associação: hoje nós temos um projeto no valor “X” para cada assentado, vem 100%, vem com o intuito de ser beneficiado, com interesse. Até justo, né, porque hoje ninguém dá nada sem querer alguma coisa em troca. Agora, a nível de socialização, a nível de interesse pela comunidade, de participação, de dia-a-dia da associação, só 50% dos moradores, participam ativamente da

Através da informação do Livro Ata, na última assembléia compareceram cento e vinte pessoas. Na reunião estava se discutindo o repasse de subsídio do Governo do Estado para a agricultura. Em outra reunião que tinha como objetivo a construção de churrasqueira na associação de moradores, constava, no mesmo livro, apenas vinte moradores. Assim a maneira encontrada pela associação de reunir um número considerável de pessoas é promovendo atividades de lazer, bailes, almoços e festas, pois desta forma em algum momento do evento, comunicados são proferidos.

A associação de moradores exerce um certo controle sobre os moradores, seja na promoção de eventos ou filiação de seus associados, criando uma relação de dependência entre a associação e os moradores. A fim de estarem incluídos em projetos de repasse de verba para a agricultura, os moradores não podem se desvincular da associação e por sua vez, a associação faz valer de sua autoridade sobre o assentamento, visando sua unidade. A associação de moradores, com intuito de fazer política, promove eventos, que o morador participa sem perceber as verdadeiras intenções.

Num relacionamento de subordinação, a exclusão de toda e qualquer espontaneidade é efetivamente mais rara do que sugerem certas expressões populares amplamente usadas, tais como “coerção”, “não ter nenhuma escolha”, “absoluta necessidade”, etc. Mesmo nos casos de subordinação mais opressivos e cruéis, ainda existe uma considerável medida de liberdade pessoal. (Simmel, 1983:108)

Ou seja, toda pessoa sujeita a autoridade tem liberdade para combater os excessos que possam ocorrer. Desse modo, a dominação é exercida na medida em que

há uma autoridade pela liderança que lhe compete, mas não esquecendo, como diz Simmel “todos os chefes são também chefiados” (1983:111).

Essas interações se dão de maneira prática no jogo que se forma entre a associação e os moradores, pois ela tem a incumbência de formar novas lideranças, captar recursos para agricultura sustentável e para melhorias da comunidade, controlar a entrada de “estranhos”, articular alianças visando benefícios para o assentamento, promover atividades de lazer com intuito de retirar cada vez menos as pessoas da comunidade, visando cada vez mais a unidade social. Unidade definida por Simmel:

Designamos por “unidade” o consenso e a concordância dos indivíduos que interagem, em contraposição a suas discordâncias, separações e desarmonias. Mas também chamamos de “unidade” a síntese total do grupo de pessoas, de energias e de formas, isto é, a totalidade suprema daquele grupo, uma totalidade que abrange tanto as relações estritamente unitárias quanto as relações duais. (1983:125)

Desta forma, pode-se dizer que a associação mesmo que exerça sua liderança, autoridade e prestígio, o faz como forma de viabilizar na comunidade uma “unidade” através do consenso. Entretanto, muitas vezes o conflito é inevitável, mas nem por isso desagregador. Através dele é possível chegar a “unidade” sonhada pela associação de moradores. Assim, pode-se perceber que a associação vinculada aos moradores do assentamento está intenso fluxo de interações e intenções, como diz Simmel (1983):

A sociedade, no entanto, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa que os indivíduos se encontram vinculados uns aos outros por força da influencia mútua e da determinação recíproca que exercem uns com os outros. Por conseguinte, a sociedade se apresenta como algo de funcional, como algo que os indivíduos fazem e suportam ao mesmo tempo. Por esse caráter fundamental, não se deveria falar em sociedade, mais em sociação. Sociedade, então, é somente o nome para círculos de indivíduos vinculados entre si por esses tipos de relações recíprocas. Diz-se que esses indivíduos, assim relacionados, constituem uma unidade, a exemplo do que ocorre com os sistemas de massas corpóreas, as quais, por ação recíproca, se determinam perfeitamente, razão pela qual são consideradas como constituindo uma unidade.(1983:83)

Portanto, são as sociações que interessam e não a comunidade estanque, por ela mesma, são suas relações, os conflitos, as dificuldades, as aflições, os interesses individuais e coletivos, são as interações dos indivíduos com a comunidade e seus diversos grupos.

Assim, posso dizer que todos os mecanismos e articulações exercidos pela Associação de Moradores do Assentamento de Cachoeira Grande, ou seja, todas ações produzidas visam à manutenção do grupo, a coesão e a harmonia da comunidade. Não se trata de acabar com os conflitos e sim de se apropriar deles de maneira que eles modifiquem o grupo, tornando-o mais forte e sólido.

II – REUNINDO: A COPA DO MUNDO É NOSSA

Em época de Copa do Mundo, quando quase todo o país forma uma mesma torcida, o futebol atua na construção de uma identidade nacional. Cabe, a mim, pensar as distintas formas de torcer dentro desta comunidade, mesmo que existam várias maneiras de assistir aos jogos, de alguma forma há uma unidade. Analisar essas formas e pensar como a associação de moradores as articula é o objetivo deste capítulo.

Já que estou estudando as formas de sociabilidade desta comunidade, estou pensando em como os grupos se associam, como as pessoas deste assentamento interagem entre si. Deste modo, a Copa do Mundo torna-se um campo de inúmeras possibilidades. Aqui interessa perceber como os moradores vão se reunir para assistir aos jogos.

A partir do “simples” ato de se “reunir” várias possibilidades de sociabilidade vão sendo descortinadas no decorrer deste capítulo. Até que ponto a posição religiosa interfere na torcida quando a seleção brasileira entra em campo? Pude perceber que as intenções por trás das interações sociais, no ato de se reunir são as mais diversas possíveis.

Para esta análise assisti a alguns jogos junto aos moradores. Durante as transmissões dos jogos que participei, junto aos moradores, não privilegiei um local, percorri algumas casas e bares, além, é claro, da associação de moradores, podendo desta forma comparar as várias maneiras de assistir ao jogo e as intenções desta reunião.

Como não pude ir a todos os jogos, as entrevistas foram importante ferramenta para a produção deste capítulo, pois através delas pude traçar um perfil da forma como os moradores assistiriam aos jogos, com quem e em que lugar.

As reuniões entre moradores em dias de jogos são momentos de sociabilidade entre familiares, amigos e vizinhos. Aqui, busquei em espaço privilegiado para tratar as questões relativas à participação social e aos rituais praticados durante a realização destes encontros.

Já vimos no decorrer desta dissertação que Simmel (1983) entende a sociabilidade enquanto uma “forma lúdica de socição”. O estar com outro sem ter um propósito ou interesse material definido. É quando o prazer da interação não advém de um motivo ou interesse, um motivo ou interesse final já preestabelecido, mas o próprio fato da reunião em si.

É o que pretendo apontar neste capítulo, as formas de reunião com o propósito de assistir aos jogos. Assim, posso perceber a utilização do tempo ocioso em atividades de lazer. Elias (2000) caracteriza a sociabilidade, também, como atividades do homem em seu tempo livre, caracterizadas pelo prazer de estar em companhia dos outros sem qualquer tipo de compromisso.

Houve uma certa regularidade na forma como as pessoas assistiram aos jogos. A maioria dos entrevistados acompanhou os jogos em casa, junto a amigos, parentes e ou vizinhos, podendo haver trocas entre casas, de jogo para jogo.

Os bares foram privilegiados pelos homens, em sua maioria solteiros, faixa etária média de trinta anos de idade. Fica evidente um padrão de sociabilidade por gênero, denotando um espaço social basicamente masculino. A preparação para o jogo era sempre marcada por muita conversa e brincadeira, com intuito de recolher dinheiro para ratear as despesas de comida, já que em todos os jogos o churrasco era imprescindível.

A confraternização deste tipo de evento é precedida de um ritual que se inicia dias antes do encontro. Os moradores se encontram para combinar quanto devem pagar,

o que vão fazer, onde vão se encontrar. Deste modo, as interações nos momentos que precedem o dia do jogo são, por vezes, momento intenso de sociabilidade, às vezes mais que o próprio acontecimento.

Entre os moradores que assistem aos jogos em casa, em geral, são homens casados, mulheres, crianças e em grande parte religiosos. Porém, o processo que antecede o encontro é marcado, da mesma forma, por intensa interação social.

Dona Francisca assistiu aos jogos em casa, como ouvinte, ela diz “eu ouvi pela televisão, minha filha, sabe como é? Minha filha e meus netos vão ver, a casa é pequena, não tem como não escutar”. Esta falta de interesse pela Copa do Mundo tem como motivo sua ligação com a Igreja da Assembléia de Deus, que embora não proíba esta prática não incentiva. Então, no momento em que uma parcela considerável da população estava assistindo ao jogo da seleção brasileira, Dona Francisca - “vou cuidar de minhas tarefas com a Igreja”.

Pude perceber que os evangélicos, principalmente da Assembléia de Deus, utilizavam o tempo ocioso em função dos jogos, em atividades religiosas ou em confraternizações com os amigos e parentes. O caso, por exemplo, de Dona Joana D’Arc que nos dias de jogos optou por convidar os irmãos da igreja e alguns parentes com intuito de se confraternizar e orar. Num dos jogos tive a oportunidade de ir à sua casa. Notei que a televisão não estava ligada. Mas, percebi que o ritual de encontro não era muito diferente do bar, pois com exceção das bebidas alcoólicas o churrasco era o prato servido.

O churrasco e a confraternização são fatores de unidade em todos os grupos que tive oportunidade de acompanhar durante os jogos que presenciei e nas conversas que tive com moradores após os jogos.

A relação entre lazer e tempo ocioso abre a possibilidade de um campo imenso de sociabilidades. No caso específico da Copa do Mundo, pude perceber uma excitação angustiante por parte dos envolvidos na organização desses encontros. O tempo livre deve ser ocupado de alguma forma que traga prazer. E neste sentido a Copa do Mundo, que só acontece a cada quatro anos, deve ser aproveitada em seu máximo, seja orando, bebendo, se confraternizando com os amigos. O fundamental é que haja o encontro.

Assim, a Copa do Mundo e os jogos da seleção, passam a ser secundário nas intenções dos moradores, torna-se apenas um pretexto para estar com os amigos. Desta forma o ato de se reunir é o mais importante, pois é a partir dele que se darão as formas de sociação mais intensas.

Vou descrever neste momento a mobilização da associação de moradores para reunir a comunidade com intuito de assistir aos jogos de futebol. A corrida em busca de “patrocinadores” que estejam dispostos a alugar ou ceder um telão e a “Via Crúcis” – termo usado pelo dirigente da associação - pela procura aos políticos que se interessem em ajudar ao assentamento.

A corrida por patrocínio privilegia lideranças de Magé, como prefeito, vereadores e políticos em fase de campanha. Apesar de muitas vezes a procura ser satisfatória, desta vez, nada foi conseguido. As explicações recaíram sobre o tempo, já que a mobilização começou duas semanas antes do primeiro jogo.

Como já disse, assisti alguns jogos no assentamento. Dentre eles o primeiro jogo, entre Brasil e Croácia. Era intenção da associação de moradores colocar um telão e fazer um churrasco, visando reunir os moradores e angariar fundos para associação – os almoços promovidos pela associação são cobrados. A associação desistiu de promover o evento por falta de patrocínio.

Apesar do contra tempo, as pessoas resolveram se reunir no bar do Carlinhos, na rua Brasília, bem perto do campo de futebol. O ritual é o mesmo, dias antes um responsável deve arrecadar o dinheiro para a compra de carnes. As bebidas são consumidas as do bar. Eu cheguei bem cedo para comprar a carne. O pessoal da associação havia me pedido para encontrá-los no centro de Magé, para carregar no carro as compras do mercado.

Como já foi dito, não fiquei o tempo todo com eles, pois percorri as casas de vários moradores, já citados, mas pude atestar a frequência em sua totalidade de homens. O consumo de bebidas alcoólicas é grande. Nas conversas animadas e descontraídas; notei um certo desconforto por eu ser a única mulher. Havia uma preocupação de respeitabilidade, uma hierarquização por gênero muito clara. Durante o tempo que estive no bar, não ouvi palavras de baixo nível.

Duas coisas foram percebidas, uma, a prática do clientelismo¹¹ como forma de adquirir benefícios para a comunidade e a outra o ato de se reunir. Em relação ao “clientelismo” é a maneira encontrada pela associação de moradores de manipular as forças do Poder Público, visando seus próprios interesses. A intenção da associação de moradores, mais uma vez, visa a manutenção da unidade do assentamento, trazendo para dentro do espaço político – associação de moradores – as relações de lazer, onde os moradores se encontram, conversam e interagem.

Retomando a discussão do início do capítulo, posso afirmar que há uma regularidade de intenção ao assistir aos jogos, a reunião, a confraternização e a utilização do tempo livre para o lazer. As reuniões se distinguem, por fim, de formas de interação e sociabilidade mais “informais” e cotidianas. O churrasco, seja no bar com amigos ou em casa com a família é uma forma de interação social que dentro de sua

¹¹ Tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos.

informalidade, pelo menos aparente, já que se percebe intenções bastante objetivas, pode tornar-se um momento fundamental de participação da comunidade, onde o espaço de confraternização torna-se um campo de lazer e interação entre as partes, bem como, um lugar, em que, de alguma forma as pessoas discutem a vida, as coisas simples, onde muitas vezes resulta em grandes reflexões e liberdade.

III – O CAMPO DE FUTEBOL

No Brasil a prática do futebol é um hábito bastante comum, principalmente em fins de semana e feriados quando se joga a famosa “pelada”. Geralmente as regras são bastante variadas de localidade para localidade e o lugar de se jogar também, podendo acontecer na praça, na praia, em jardins públicos, ruas, campinhos de várzea, quadras de futebol “society”, entre outros. A variedade de possibilidades destes jogos é infindável, o número de jogadores, a existência ou não de arbitro, o tamanho do campo, as balizas, enfim, cada uma varia por suas próprias especificidades.

O campo de futebol em questão fica quase no fim da Rua Brasília. É um campo gramado, porém não tem o tamanho oficial, o que dificulta em dias de torneio já que num campo oficial cabem onze jogadores e neste campo no máximo sete. Portanto, a quantidade de pessoas para jogar é tanta que uns ficam de fora. Dizem que este campo existe desde a época da Fábrica Pau Grande.

A delimitação deste campo é bastante curiosa, e determina a forma como as pessoas participam do jogo. Tem a forma retangular e possui duas balizes. Olhando da rua para o campo, do lado esquerdo é onde ficam as pessoas que vão assistir ao jogo, bem como os reservas e a barraca de comida que dá suporte nos dias de jogos.

Esta barraca (ver anexo figura 12) é feita de bambu, de seis bambus fincados no chão, formando um retângulo, seis em cima, cobertos de folha de bananeira e quatro no meio para sustentar as tabuas que formam o balcão. A barraca é explorada pelo botequim que tem em frente ao campo, que pertence ao Carlinhos, como é conhecido. Em dias de jogos trabalham ele e a esposa, Dora - conhecida como Dorinha.

Dando continuidade a descrição do campo, ao lado direito tem um curto espaço ao findar a área válida do campo, onde ficam os gandulas, crianças da comunidade, que assistem ao jogo e pegam as bolas que caem no mato, já que depois do campo nesta lateral é um terreno com mato alto. Nos fundos do campo, atrás da baliza que fica de frente para a rua, também tem mato alto. Na outra baliza passa um pequeno córrego, onde, por vezes a bola cai, fazendo com que as crianças entrem na água para alcançá-la. Em tempo, as crianças trabalham como gandulas durante os jogos visando a possibilidade de ganhar um dinheirinho, ao menos um refrigerante e um lanche ao fim do jogo.

As pessoas que participam destes jogos no geral são moradores do assentamento e do entorno, esses com menos frequência ou em dias especiais. A faixa etária é de quinze anos até, aproximadamente, uns quarenta e cinco, cinquenta anos de idade. No entanto, a maioria tem entre vinte, vinte e poucos anos.

A relação entre os participantes é amena. A grande maioria se conhece, muitas vezes não sabem os nomes, mas se conhecem pelo menos de vista. Alguns moradores vão ao campo só para assistir ao jogo, sem nenhuma intenção de jogar. No geral ficam na lateral esquerda, bebendo cerveja no bar do Carlinhos e brincando com os jogadores, fazem piadas, muitas vezes debochando das capacidades individuais dos participantes. Este hábito é freqüente em todas as famosas “peladas”, faz parte do processo de sociabilidade. Na maioria das vezes, elas não têm a intenção de serem jocosas ou ofensivas e sim de apimentar a “brincadeira”, como interação envolvendo duas pessoas ou um grupo.

Em relação à compra de materiais, como: bola, uniforme, rede para o gol, manutenção do campo, são todas pagas pela contribuição do grupo. Desse modo, há dois anos foi fundado, no assentamento, Grupo Jovens do Futebol, que é nada mais é do

que o próprio nome diz, um grupo de jovens que joga todos os domingos e feriados que se reuniram para manter o campo e fazem festas para comemorar os aniversários, bem como, promovem torneios para encontros com moradores de outras comunidades.

Nos jogos as regras são simples, porém respeitadas. O juiz, na maioria das vezes, é o Joilton, ou quando ele não pode participar, outro morador assume o cargo. As regras de um modo geral não diferem de um jogo normal, a única regra que observei não ser respeitada é a do impedimento, talvez isso se deva ao tamanho do campo. Os times são formados de sete jogadores de cada lado, incluindo o goleiro, e geralmente ficam, pelo menos, três na reserva, até por uma questão de cansaço, pois as substituições não têm limites. Cabe dizer que os times no geral são sempre os mesmos, porém ocorrem mudanças. As durações dos jogos são de dois tempos de quinze minutos cada, trocando de lado ao fim. Caso acabe empatado, o critério de desempate, é a famosa disputa de pênaltis. Não existe prorrogação, até, por uma questão de preparo físico.

Os jogos acontecem sempre aos domingos e feriados, no geral as pessoas começam a aparecer a partir de umas oito, nove horas, e jogam em dias normais até as treze, quatorze horas. Outra oportunidade que tive no assentamento foi assistir ao torneio promovido pela associação de moradores, que marcou o início das comemorações do aniversário do Grupo Jovem do Futebol. Quanto ao torneio e ao Grupo Jovem me aprofundarei mais a diante. Aqui me interessa analisar as relações das pessoas que participam direta ou indiretamente, como as práticas do jogo, as conversas, a formação dos times, a torcida. Quem são as pessoas que assistem aos jogos? Como se dão as comemorações? A intenção é analisar como diz Simmel o jogo, como um “jogo social”. Assim,

A conexão entre jogo e sociabilidade explica por que esta deve abranger todos os fenômenos que já por si mesmos podem ser considerados formas sociológicas lúdicas. (...) A expressão “*jogo social*” é significativa no seu sentido mais profundo, (...). Todas as formas de interação ou de sociação entre os homens – o desejo de sobrepujar, de trocar, a formação de partidos, o desejo de arrancar alguma coisa do outro, os azares de encontros e separações acidentais, a mutação entre inimizade e cooperação, o domínio por meio de artifícios e a revanche – na seriedade do real, tudo isso está imbuído de conteúdos intencionais. No jogo, estes elementos levam sua própria vida; são impulsionados exclusivamente pela sua própria atração, pois mesmo quando o jogo envolve uma aposta monetária, não é o dinheiro (...) a característica específica do jogo. (...) O sentido mais profundo, o duplo sentido de “*jogo social*” é que o jogo não é só praticado em uma sociedade, mas que, com ele, as pessoas “jogam” realmente “sociedade”. (1983:174)

Quando Simmel fala em “jogar a sociedade”, neste “jogo da vida” são essas intenções e desejos, nessas “formas lúdicas”, nesta brincadeira de jogar o futebol, que, verdadeiramente, interessaram nas observações dos jogos a que assisti. A forma como eles se reúnem, a importância desses encontros, as verdadeiras intenções, as paqueras, as divisões por gênero, idade, religiosidade.

A minha primeira participação, como observadora de um jogo de futebol foi na manhã de um domingo. Cheguei um pouco antes das nove horas, as pessoas ainda estavam se acomodando, fui munida de minha máquina fotográfica, de um gravador,

caderno na mão e lápis. Desta primeira vez fui sozinha. Percebi logo de cara um certo estranhamento que minha presença causava, era perceptível pelos olhares que me eram dirigidos enquanto saía do carro e me dirigia ao campo, paramentada com meus objetos de pesquisa. Ao me dirigir ao campo, fui logo procurando uma pessoa conhecida, até que avistei, José Luiz, que trabalha na associação de moradores e na Cooperativa Agrícola. Aproximei-me dele e logo que nos cumprimentamos percebi um certo alívio das pessoas. Fui apresentada a algumas pessoas que estavam próximas e fiquei ali, na lateral do campo, desta vez somente observando e travando alguns poucos contatos. Pude perceber que, neste dia, havia uma maioria absoluta de homens, mulheres tinham eu e mais umas duas, no máximo.

Neste primeiro dia o jogo terminou às treze horas. Conforme as pessoas iam terminando de jogar as reações eram as mais diversas, uns iam embora, outros ficavam bebendo e conversando e alguns simplesmente ficavam para assistir aos outros jogos. Neste primeiro contato com o campo de futebol, embora paramentada, de todos os instrumentos necessários para entrevistas, optei por fazer contatos, criar uma certa confiabilidade com meus futuros entrevistados, e fiquei só na observação de meu campo de pesquisa.

É fundamental voltar à noção de sociabilidade, que, aqui, será apropriada de Simmel, como já dito, que a definiu como “a forma lúdica da sociação” (1983:168). Para Simmel a sociabilidade é um fenômeno social, uma forma de interação na qual os participantes autonomizam suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados – o tipo de conversa ocorrente em festas seria talvez um bom exemplo. Neste sentido, pode-se cotejar a noção de sociabilidade de Simmel à definição de “jogo” apresentada por Huizinga:

“(...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’ ” (1971:33).

Dadas as diferença entre essas noções, pude pensar na possibilidade da sociabilidade como uma espécie de “jogo da vida social”, num momento lúdico, de lazer, distinto das coisas “sérias” da vida cotidiana, de fugir da realidade e esquecer os problemas. Este fugir da realidade e esquecer dos problemas podem ter um sentido inverso, já que muitas vezes nos forçamos ao lazer de tal forma que o ato de divertir vira uma obrigação.

3.1 – SEGUNDO CONTATO – O TRABALHO

A segunda vez em que estive no campo de futebol, minha recepção se deu de forma bem mais amena, já que havia feito contatos anteriores. Quando cheguei, por volta de umas nove horas, fui superbem recepcionada e saudada por todos. Novamente me paramentei de meus apetrechos de pesquisa e me dirigi a lateral esquerda do campo.

Lá encontrei com o Jô, com o José Luiz, Delcacil e outros rapazes que tinha conhecido do outro jogo. Este jogo teve praticamente a mesma configuração, estavam lá, praticamente, as mesmas pessoas do outro sábado. Desta vez havia mais meninas, acho que porque o dia estava lindo, ensolarado, e os meninos da comunidade pareciam estar todos lá. Creio que estavam reunidas ali umas trinta pessoas, entre elas dez meninas.

Esta separação de gênero no futebol é muito antiga, desde sempre. Ouvimos de nossos pais e avôs que futebol é coisa de homem, inclusive a mulher que joga futebol, ainda hoje, é claro que em menor escala, é vista de forma jocosa, em algumas situações até discriminatório, pondo em dúvida a sexualidade da menina.

No geral as mulheres devem apenas assistir aos jogos, quando da presença de um referencial masculino de sua relação. Percebe-se um certo constrangimento entre os homens, com a presença de meninas, pois este é um espaço tipicamente masculino.

A participação das meninas nos jogos do assentamento pode ser definida pelo que Simmel chama de “coqueteria” (1983:174) que seria para ele “a forma lúdica do erotismo”, Esta interação, como forma social, faz com que as trocas de olhares, as conversas depois dos jogos, entre as meninas e os meninos sejam uma forma de sociação deste grupo.

A relação entre as meninas e os meninos durante o jogo de futebol, torna-se um segundo jogo, já que as interações entre as partes têm um sentido de “jogo social”, onde de um lado as meninas se reúnem entre si para conversar, deixando transparecer, nitidamente, que estão se referindo a performance dos rapazes no jogo e por sua vez, os rapazes ficam “se amostrando”, tentando dar o melhor de si para despertar algum sentimento de cobiça nas meninas. Neste “jogo” que se forma entre as partes podemos destacar Simmel, numa alusão às formas de sociabilidade que acontece neste jogo de sedução e conquista;

A natureza da coqueteria feminina é jogar alternativamente com promessas e com retraimentos alusivos – para atrair o homem, mas para deter-se sempre antes de uma decisão, e para rejeitá-lo, mas nunca privá-lo inteiramente de esperança. A mulher coquete intensifica enormemente sua atração se demonstra seu consentimento como uma possibilidade quase imediata, mas que no fim das contas, não era a sério. Seu comportamento oscila entre o “sim” e o “não”, sem fixa-se em nenhum deles. (...) (1983:174-175).

Desta maneira podemos entender melhor este “jogo” de sedução que se forma entre as partes. Uma coisa que prova este fato é a diferença de comportamento entre o primeiro e segundo jogo, já que no primeiro os rapazes estavam mais comedidos e no geral iam embora logo após o jogo. Neste, a permanência dos rapazes se fez a olhos vistos. Vale lembrar, que aqui estou me atendo aos rapazes solteiros, na faixa etária entre quinze e vinte e poucos anos.

Também não podemos deixar de falar da importância do “jogo” no que se refere aos encontros. Piabetá é a cidade mais próxima, podendo-se ir a pé, porém devido ao medo de violência nas estradas e a precariedade dos ônibus, principalmente à noite, que circulam com espaços muito longos entre si, faz os jovens procurarem diversão em Imbariê, distante do assentamento uns quarenta minutos de ônibus.

Por isso a necessidade da formação de grupos para a programação noturna ou vespertina. Um retrato desta observação pode ser exemplificado no diálogo que presenciei entre um grupo, quando um rapaz que vou chamar de “M” chega perto do grupo de moças e começa uma conversa, que é prontamente aceita por uma moça que estava no grupo “P”.

- M - Oi, tudo bem, como vão as coisas? Gostaram do jogo?

Marquei um gol!

- P – É nós vimos, mas vocês não ganharam, o time do B (que ela fala de maneira carinhosa, no diminutivo) que ganhou.

- P – Vocês vão fazer alguma coisa hoje? Parece que está tendo festa Junina lá no Aureliano¹², vou ver se minha mãe deixa eu ir.

- M – É tem nada pra fazer não, pode ser é uma boa, quer ir comigo, podemos combinar de ir todo mundo.

As intenções dos jovens ao participarem dos jogos, acontecem de forma clara, o encontro. Sendo assim, o jogo para os jovens é a forma encontrada para paquerar, marcar passeios, conversar e brincar.

¹² Colégio Municipal Aureliano Coutinho fica no fim da Estrada Estadual, quase chegando ao centro de Piabetá.

Uma coisa que me deixou muito curiosa nos dois jogos que participei, foi a ausência de palavrões durante os jogos. Percebi que as pessoas não têm por hábito fazer uso de palavras chulas. É claro que isso não é uma regra, mas é algo perceptível. Quando comentei com o José Luiz sobre este fato, ele imediatamente me deu uma explicação;

- Isso por duas coisas, primeiro porque o povo aqui da “roça” é assim mesmo, não tem muito o hábito de falar palavrão e de mais a mais hoje temos muitas moças aqui e o outro motivo é que quando os crentes jogam aí é que não tem palavrão mesmo.

Esta explicação é reforçada por Jocimar, organizador dos torneios de futebol do assentamento e membro do Grupo de Jovens do Futebol. Quando em entrevista, foi perguntado sobre a presença ou não de evangélicos nos jogos me respondeu: “aqui joga quem quiser, todo mundo tem vez. A Assembléia de Deus não pode, mas os Batistas jogam. A única diferença é que tem que respeitar os crentes, não pode falar palavrão”.

Portanto, percebo que apesar de uma certa unidade no grupo, de uma certa homogeneidade, dentro dele se formam vários grupos menores, que de um modo convivem em harmonia. Existe uma relação de respeito entre todos. Percebi que os “crentes” como José Luiz falou, são os que vão embora mais cedo ou que ficam depois dos jogos só assistindo.

O jogo de futebol, como interação social, envolve geralmente um grupo mais ou menos extenso de pessoas, caracterizado por incessantes provocações mútuas aparentemente agressivas, e respostas a essas provocações um mote qualquer. O grupo envolvido costuma ser predominantemente masculino, e os temas usados para

provocação podem ser, vários, como a sexualidade “você joga como uma mulherzinha, pega nessa bola, cara, corre”, atributos físicos, “vai seu gordo, parece um porco correndo”, dentre outros.

Geralmente isso acontece entre as pessoas que estão jogando e o torcedor que não joga e fica na lateral esquerda do campo, bebendo cerveja. Nota-se a incidência de uma “vítima preferencial”, geralmente as provocações são “leves” e as respostas são descontraídas, acompanhadas de grandes risadas. Esse jogo se dá no geral entre duas pessoas. Se o outro não ri aí a coisa pode ficar séria. Acredito que o limite que se impõe um ao outro está na intensidade da gargalhada, pois se uma das partes não gosta, ou acredita que o outro “pegou pesado” a seriedade vai se instalar entre as partes.

A maneira como as pessoas se comportam durante a “pelada” reforça a idéia de lazer, de encontro, de não-trabalho. Noto durante todo o jogo os moradores num esforço em se divertir. As pessoas vão ao campo, para encontrar os amigos, muitas vezes nem jogam, deixam de ficar com suas famílias e se aglutinam junto ao campo para ver os outros jogarem.

Existe uma ansiedade pelo fim de semana. Quando ele chega deve-se fazer algo prazeroso, não se pode deixar passar em “branco”. Deste modo em alguns casos o tão esperado e programado domingo pode deixar de ser tempo de ócio, e tornar-se tempo de “obrigação¹³”, regido por normas, horários e regras.

É interessante pensar isso no jogo de futebol, pois percebo nitidamente, até por ser a única atividade de lazer existente no assentamento, que os moradores contam os dias, regressivamente, para o domingo, dia de “pelada” e de certa forma isso vira uma obrigação, tenho que ir ao jogo, por que senão só no próximo domingo.

¹³ Obrigação aqui não é no sentido de desprazer e sim de hábito, de rotina.

3.2 – O TORNEIO

No dia 15 de junho de 2006 aconteceu o torneio de futebol no campo do assentamento, iniciando às 08:00 e terminando às 17:00. Este torneio teve como objetivo angariar fundos para festa de aniversário do Grupo de Jovens do Futebol, que no fim do ano faz dois anos de fundação. A intenção do Grupo era fazer duas festas, uma no dia 30 de julho de 2006 e a outra no fim do ano. A festa do dia 30 foi adiada em respeito ao luto de um amigo do Grupo, que aqui vamos chamar de “X”, de 16 anos, assassinado¹⁴ no dia 14 de julho de 2006, a tiros, dentro do assentamento.

O Grupo de Amigos do Futebol foi criado com a função de manter o futebol, ou seja, formar times, comprar os materiais necessários para a prática do esporte, como, uniformes, balizes, bolas, manter o campo “jogável”, promover torneios e eventos, reunir as pessoas com o intuito de se divertir e confraternizar. A sua formação é em grande parte de moradores do Assentamento Cachoeira Grande e uns poucos de assentamentos do entorno. São cerca de trinta componentes, organizados entre diretores, tesoureiro, relações públicas, que é caso do Jocimar, presidente que é o Nana. Conforme relato do Jocimar, os trinta participam ativamente da organização, todas as decisões que são tomadas, o grupo todo participa.

Estes torneios que acontecem com frequência, têm como objetivo promover a união de moradores com os visitantes, moradores de assentamentos do entorno, e muitos são responsáveis pela comemoração de algum acontecimento importante ou simplesmente para celebrar um feriado, maneira encontrada pela associação de

¹⁴ O nome da vítima foi preservado a pedido do meu informante.

moradores para ocupar o tempo vago da comunidade. É importante dizer que a fundação do Grupo foi um incentivo da associação.

A organização dos torneios é feita por Jocimar, mais conhecido como Jô, embora não more em Cachoeira Grande, sua história não pode ser desvinculada dela, já que é filho de assentado. Jô, hoje casado e com trinta e dois anos, mora no assentamento do Incra, do outro lado da estrada. Nasceu neste lado, sua história é marcada na luta pela terra, já que seu pai foi assassinado¹⁵ neste período.

Um dos motivos do cargo ocupado no Grupo é por seu conhecimento dentro e fora do Assentamento Cachoeira Grande, já que, além de ser muito comunicativo e estar sempre disposto a promover eventos de agregação da comunidade, também fez muitos conhecimentos, por ser motorista de transportes alternativos há doze anos, fazendo o trajeto Piabetá, Andorinhas. Como diz, Jocimar:

“Cachoeira Grande é um lugar pequeno que todo mundo se conhece¹⁶, se fala. Pelo sobrenome às pessoas sabem quem é. O Delcakil, por exemplo, me pegou no colo, eu sou nascido e criado aqui, meu pai e minha mãe trabalharam na fábrica, infelizmente os dois já morreram. Aqui todos se dão muito bem, se falar assim, fulano bateu de carro, todo mundo sabe quem é.”

Esta forma de transporte na região é fundamental, por serem muito escassas e precárias as linhas regulares. Desta maneira a população, de modo geral, se vê obrigada a utilizar este meio de transporte, fazendo com que o Jô, tenha um grande

¹⁵ O pai do Jocimar era responsável pela manutenção e segurança dos cabos de energia do Assentamento, numa tentativa de roubo, na época do processo de lutas, já que roubavam para que a comunidade ficasse as escuras, ele reagiu e acabou assassinado.

¹⁶ Dentro do assentamento todos se conhecem, porém nos torneios, quando vem pessoas de outros lugares, nem todos se conhecem, a maioria se conhece pelo menos de vista.

relacionamento com as pessoas na área e conhecimento político, pois o transporte alternativo necessita da permissão das autoridades.

A organização do torneio se dá de forma bastante complexa, já que depende, mais uma vez, do famoso “patrocinador” que neste caso é responsável pela compra de troféus, medalhas, carne e cerveja. Este torneio em específico foi patrocinado pelo Deputado Federal Reinaldo Betão, que contribuiu apenas com a faixa (ver anexo figura 13) e os prêmios que além dos dois troféus (ver anexo figura 14), contou com um engradado de garrafas de cerveja que premiaria os dois primeiros colocados.

Já que este torneio tinha a intenção de angariar fundos para a festa do Grupo, os participantes contribuíram com a quantia de vinte reais por time. A barraca, administrada pelo Carlinhos, vendeu, neste dia, salgados feitos pelas esposas dos jogadores ou comprados pelo grupo, visando arrecadar dinheiro para o Grupo e a cerveja era do seu próprio bar.

Voltando a organização propriamente, depois de conseguir os “patrocínios” vêm à fase de propaganda, de divulgação do evento, avisar a todos do dia do jogo, convidar as pessoas de fora, inscrever os times que irão participar, avisar da compra dos salgados, lavar os uniformes, entre outros. Esta fase do processo é lenta, já que todos trabalham, e cansativa. Toda a divulgação é feita porta a porta ou via associação de moradores.

Depois de toda a divulgação do evento e dos times formados, vem outra etapa do processo que é formação da tabela dos jogos, feita, no geral, através de sorteio, porém privilegiando algum contra-tempo que um time possa ter.

Quanto à formação dos times de futebol o capitão de cada equipe escreve na súmula os nomes dos componentes, com no máximo quinze, prevendo as substituições, que são feitas várias vezes, devido ao preparo físico dos jogadores. Os times no geral já estão formados, podendo ser feito algum na hora para “tapar buraco”, como no caso

específico deste torneio, que o time que jogaria às dez horas ainda não tinha chegado e para não ficar um vazio, o Jô formou um de última hora, com os rapazes que tinham ido para assistir. É o famoso “jogo de cintura”, como ele disse.

Os times deste evento jogam de forma eliminatória. Formam-se duplas de equipes que disputam um jogo de dois tempos de quinze minutos de duração cada. Os vitoriosos continuam na disputa, sendo a fase de oitavas-de-final, quartas-de-final, semifinal e final. O critério de desempate acontece, como já foi dito, pela disputa de pênaltis (ver anexo figura 15), na hora da cobrança vão se alternando os times até que um ganhe.

Estes jogos são apitados, no geral, pelo Joilton (ver anexos figuras 16 e 17), digamos que seja o “Juiz oficial” dos eventos, sempre muito respeitado. Em virtude da indisciplina de alguns jogadores e, muitas vezes, da falta de técnica, a posição do juiz costuma ser dura com os participantes dos jogos dos torneios. Foram distribuídos muitos cartões, mas não vi nenhum vermelho. O árbitro, para manter a sua autoridade, não admitiu que ninguém lhe dirigisse a palavra durante as partidas para quaisquer reclamações ou reivindicações sobre suas decisões. Em casos deste tipo eu o vi primeiro conversar e depois aplicar cartão amarelo.

O assentamento contou com três times de sua representação, o time principal que chama, Alvejamento Futebol Clube que neste torneio ficou em primeiro lugar (ver anexo figura 18). E os outros dois, Cachoeira Grande Futebol Clube (ver anexo figura 19) que saiu nas oitavas de final e o outro que foi formado de última hora, para cobrir o furo de um time que não compareceu, (ver anexo imagem 20) que ficou em segundo lugar. Conseguindo, assim, trazer os dois prêmios para a comunidade.

Participaram deste evento além das três equipes do Assentamento Cachoeira Grande mais treze times formados em sua maioria por comunidades do entorno e em

especial um time da loja onde o sobrinho do José Luiz trabalha, Art Local. A tabela responsável pelos jogos começava pelas oitavas-de-final, sempre em caráter eliminatório.

Por este fato as equipes não chegaram todas na mesma hora, já que pela tabela o último jogo da primeira etapa do torneio estava marcado para as onze horas e trinta minutos. Não houve paradas, já que os times demoravam para retornar a campo, dava tempo de todos descansar, beber, conversar e comer.

A final entre dois times da casa gerou um grande alvoroço e gozações por todos, alguns brincavam dizendo que era “maracutaia”. Por sua vez os moradores da comunidade diziam que era competência, que estavam se preparando a meses. Enfim, apesar da grande quantidade de bebidas ingeridas e das brincadeiras, o torneio terminou da forma que começou sem problemas e confusões. Inclusive, pude perceber em todos jogos que participei que a ingestão de bebidas alcoólicas não causou nenhum problema. Cheguei a perguntar ao Jocimar se havia problemas de brigas nos jogos, de modo geral, que respondeu:

“Aqui é o seguinte, a gente aqui da comunidade é o seguinte, se vê que a pessoa está errada, ta errando, já bebeu muito, não se

de iniciar os jogos os jogadores, de ambas as equipes, se reúnem em círculos e rezavam e depois dos jogos o procedimento era o mesmo.

A minha tentativa foi descrever da melhor forma possível o torneio de futebol do assentamento e perceber a forma como eles se organizam para o lazer e a confraternização. Na ânsia de conservação do grupo as articulações e mecanismos de resistência do futebol no assentamento foram, também de agregar outras comunidades.

A intenção de se reunir deste grupo mais ou menos constante está diante de uma certa realidade “informal”, pois é o encontro de um grupo de homens que neste momento não tem de obedecer a ninguém, isto percebemos nas brincadeiras, pois aqueles que não brincam ou não são alvos das brincadeiras, de certo modo, sentem-se deslocados.

Quanto à frequência de mulheres neste evento foi muito grande, podíamos ver mães, esposas, filhas, namoradas, enfim, mulheres de todas as idades e relações, com os jogadores. A presença feminina desta vez se deu para incentivar os jogadores do Assentamento, percebi neste dia, um orgulho do evento, principalmente pela vitória da comunidade, mas não só, o orgulho neste sentido era algo mais significativo, tinha a ver com pertencimento, com identidade, com unidade. É claro que as intenções de encontro e paquera não deixaram de existir. Como diz Huizinga:

As comunidades de jogadores geralmente tendem a tornar-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo. (...) Mas a sensação de estar “separadamente juntos”, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo. (2005:15)

Após os jogos os participantes permanecem no local. No geral assistem aos jogos até o final. Quando finda a participação de um determinado jogador é talvez o momento mais esperado, momento de confraternização. É como se acabasse a obrigação - “cumpri minha parte, agora posso relaxar”. É o tempo da cerveja, da cachaça, da conversa da descontração.

Percebo com isso a importância dos torneios de futebol para esta comunidade que precisa se manter unida, não só no jogo, mas também, e principalmente, fora dele, onde estes encontros entre moradores e familiares são responsáveis pela consciência de união do grupo. De certo modo todos participam, uns jogando, outros organizando, as mulheres fazendo a comida, as meninas incentivando os rapazes e assim vai-se criando a unidade.

Outro fator interessante que pude observar no decorrer do torneio foi em relação à competitividade. É claro que existem rivalidades, mas na realidade elas acontecem, muito mais em caráter de “brincadeiras” do que propriamente da obrigação em vencer. Cheguei a presenciar diálogos de pessoas falando da equipe que jogava contra o seu time, tipo: “pô fulano ta jogando super bem, este time merece ganhar”. Coisas que não se vê com frequência, já que em futebol tudo é rivalidade, “não quero saber se o juiz roubou o importante e que meu time ganhou”.

Porém, isso não impede que haja competição entre os participantes, o problema é que ela não pode ser interpretada como desqualificação dos outros. O “vencedor” não deve demonstrar arrogância ou superioridade. Como diz Simmel:

Esta redução do caráter pessoal, que a interação homogênea com outros impõe sobre o indivíduo, pode até mesmo fazer com que este regreda, se é que podemos falar assim. Um traço caracteristicamente sociável do comportamento é a cortesia, através da qual o indivíduo forte e extraordinário não só se nivela aos mais fracos, mas inclusive age como se o mais fraco fosse superior e mais valoroso.(1983:173)

A relação de cortesia do pós-jogo não exclui a competição entre os jogadores, mas reforça a relação de amizade e respeito entre as partes, tanto os jogadores da comunidade, quanto os de outras comunidades.

A dimensão de lazer aqui se encontra presente na forma de construção e demonstração de brincadeiras. A possibilidade de experimentar o lazer é vista como uma oportunidade para ser feliz e se divertir. O prazer de jogar é um sentimento compartilhado coletivamente e responsável pela realização dos torneios, pois desde a sua organização, percebi o empenho de todos e depois a grande maioria participou, ativamente, fosse jogando, torcendo, incentivando e até mesmo brincando.

Numa região onde o lazer é escasso, onde o transporte é precário o jogo de futebol tem uma responsabilidade de agregar e reunir os moradores. O jogo de futebol aparece desta forma como um fator de sociabilidade desta comunidade, não só entre os moradores de Cachoeira Grande, como com as comunidades de entorno. Sendo assim é importantíssima a organização de torneios e eventos para reunir as várias comunidades.

IV – A SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA RELIGIÃO

Dentre as pesquisas feitas no assentamento - mencionado na introdução - a religiosidade do assentamento é um dos objetos de estudo. Meu objetivo inicial era analisar suas relações como lócus de realização da experiência religiosa, e em que medida essa experiência serve de mecanismo de sociabilidade na integração dos grupos.

Através de entrevistas com moradores e investigação junto à associação de moradores, pude mapear as relações religiosas existentes no assentamento Cachoeira Grande. Desta forma descobri que, dentro do assentamento, existem apenas duas igrejas, ambas da Assembléia de Deus, sendo uma no terreno da Dona Francisca – meu objeto de estudo - e a outra beirando a estrada Estadual. Das três igrejas católicas da região (São José Operário, São Vicente de Paula e São Francisco de Assis), nenhuma está localizada em terras do assentamento. E as igrejas Batistas encontram-se em assentamentos de entorno.

Das possibilidades de análise das redes de sociabilidade do assentamento a partir das relações com a religiosidade foi privilegiada a Igreja da Assembléia de Deus, situada no terreno da Dona Francisca. A escolha foi por motivo de ordem prática: primeiro sua filha Adriana ser secretária da associação de moradores, com quem mantive contato durante todo trabalho de campo. Segundo, o fato dos frequentadores da igreja serem moradores do assentamento e vizinhos da igreja, o que possibilita uma dupla dimensão, a igreja como espaço de sociabilidade e as redes sociais de amizade, para além da religião.

Assim, vou discutir a sociabilidade de um grupo privado que se formou através da religiosidade e vou poder perceber as praticas como integradoras. Como os rituais da

igreja tornam-se uma identidade de pertencimento, de unidade onde se reconhecem entre si. Particpei de cultos religiosos e da consagração, ministrados pela Dona Francisca e pelo pastor Manuel.

Apesar deste estudo privilegiar a Igreja da Assembléia de Deus, notei algumas regularidades entre as práticas religiosas. Suas lideranças - Católicas e Evangélicas – vêm de outras localidades, desta forma possuem representantes dentro do assentamento

“Hoje a questão da Igreja aqui no assentamento depende do Padre e do Pastor, pois onde existe uma Igreja Evangélica o Padre vai lá e constrói uma Igreja Católica, ele também quer ocupar um espaço, e vice-versa existe uma grande disputa de espaço entre as religiões, eu vejo isso, eu não vejo isso como uma coisa ruim.”

A falta de lazer e precariedade de transportes faz das relações religiosas um espaço fundamental de sociabilidade entre os moradores. A preocupação com o tempo livre dos jovens e a falta de opções para ocupá-lo torna a religião uma rede de proteção aos jovens na medida em que ocupa seu tempo ocioso na igreja, considerado um espaço social seguro. Afinal como diz o ditado popular “cabeça vazia é oficina do diabo”, desta forma, como diz, novamente, Paulo:

“É importante esta disputa a questão não é a católica ou a evangélica, a questão é o jovem ter opção, uma forma de ocupar mais espaço na cabeça do jovem, as crianças vão ter uma formação religiosa, vão ter menos tempo para ficar ociosas, porque a ociosidade é perigosa. Isso não é ruim, eu acho natural, acho bom ser dividido, até para não existir a predominância, acho a divisão importante”.

Na diretoria da associação de moradores do assentamento Cachoeira Grande há uma divisão entre católicos e evangélicos. Os primeiros são contrários à utilização de seu espaço para uso privado e o segundo apóia a utilização das dependências da

associação para fins de cultos religiosos para os moradores. Deste modo há pouco tempo, criou-se um certo “mal-estar” quando a liderança evangélica solicitou as dependências da associação para a realização de um culto, através de votação a maioria negou o empréstimo, o motivo alegado é abaixo descrito:

“Olha fulano eu não tenho nada contra religião nenhuma, mas eu acho que este espaço é espaço público, se abrir espaço para Igreja Evangélica, vai ter que abrir para a católica, para o candomblé para todas, eu acho assim porteira que passa um boi tem que deixar passar a boiada, ou passa todo mundo ou não passa ninguém. Eu sou contra porque daqui a pouco começa uma disputa entre uma coisa e outra e pode gerar um conflito. Então eu não deixo ninguém. Se puder fazer um culto ecumênico, aí tudo bem, para integrar todo mundo”.

A prática da evangelização figura como mecanismo de expansão religiosa, campo de intensa sociabilidade. Apesar de uma aparente cordialidade a competição entre religiões é resultado da busca por novos fiéis, já que sem eles a Igreja não tem como se manter.

A inserção de um morador numa determinada Igreja segue um padrão de consangüinidade e é naturalizado. Assim diz Delcakil, “os filhos são o que os pais são”, o caráter hereditário na transmissão cultural é fator decisivo na formação religiosa dos jovens do assentamento. E quanto ao novo morador, explica Delcakil:

“Ou ele já tem uma religião antes de chegar ou vai depender muito da acolhida do vizinho, que vai encaminhar ele para esta ou aquela religião é um processo natural da vida. Se o vizinho dá uma boa acolhida e convida o morador para ir a Igreja e lá ele também recebe uma boa acolhida, ele acaba ficando”.

Em relação à palavra “acolhida” ela me acompanhou por toda a pesquisa de campo. Desde o primeiro momento em que me acolheram. Até mesmo em seu uso freqüente por parte dos moradores. A intenção no uso da palavra é sempre a cordialidade, o aconchego, buscando a construção de laços de amizades.

Numa região onde os problemas são freqüentes os laços de amizade são fundamentais para a sociabilização. Assim a “acolhida” ao novo morador figura como uma relação de interdependência, onde as angústias e necessidades sejam partilhadas. A construção de uma relação social entre vizinhos faz com que as regras de convivência sejam incorporadas de tal forma que o estranhamento dê lugar ao sentido de pertencimento naturalizado, fazendo com que essas regras sejam reconhecidas naturalmente.

Através dos laços de amizade e das relações sociais entre os vizinhos o novo morador passa a fazer parte das relações cotidianas da comunidade. E desta forma acaba se inserindo na Igreja em que seu vizinho freqüenta.

A competição entre os grupos religiosos é uma prática comum não só em assentamentos rurais, como nas grandes cidades. Geralmente a autoridade exercida pelas lideranças religiosas impõe regras de conduta tornando-se instrumento de manutenção do grupo, onde a unidade é o objetivo. O fiel por sua vez, reconhece estas

regras, por acreditar estar mais próximo de Deus, dessa forma a competição é inevitável, como diz Simmel:

Esta forma e destinos peculiares de esforços paralelos poderiam mais propriamente ser denominados de “competição passiva”. Suas manifestações puras são a loteria e a aposta. Isso é competição por um prêmio, mas falta a essência da competição: a diferença das energias individuais como base da vitória ou da derrota. O resultado aqui depende de uma realização prévia, mas as diferenças de resultado não dependem das diferenças desta realização.
(1983:145)

Podemos perceber nas Igrejas uma competição entre fieis, para concorrer ao prêmio maior, a graça alcançada, estar mais perto de Deus. E esta subjetividade faz com que pessoas de dentro de uma mesma Igreja concorram entre si, na maioria das vezes sem perceber, quem vai mais aos cultos, quem falta menos, e a fé dá espaço a cobiça do céu e a obrigação religiosa, neste caso anulando o prazer.

Esta relação da religião como sentimento de existência de poderes que não estão submetidas ao nosso desejo, as sensações de subordinação a estes poderes e mais a relação que existe entre o individuo na comunicação com os entes sobrenaturais, faz com que as pessoas concorram de forma subjetiva, sem saber muito bem qual é o prêmio a alcançar.

4.1 - DONA FRANCISCA: GUARDIÃ DA IGREJA

É necessário analisar, brevemente, a história de Dona Francisca, como ela chegou aqui? Porque ela construiu a Igreja em seu terreno? Para que possamos entender um pouco melhor a história da igreja que foi construída no terreno de sua casa, e entender a formação desta congregação, como foi o começo de tudo, já que a trajetória de uma está intimamente ligada à trajetória da outra.

Dona Francisca de Jesus (ver anexo figura 22), tem sessenta e sete anos, completados em 23 de julho de 2006, como ela diz: “eu contei os tempos minha filha”. Nasceu em Minas Gerais, no município de Brás Pires, veio para o Rio de Janeiro, buscando uma possibilidade de crescimento profissional e econômico, como ela diz:

“Quando eu era bem pequenina, em vim pro Rio de Janeiro, trabalhar, quem me trouxe foram os turcos, para trabalhar na casa deles, me maltrataram muito, mas tudo bem, Deus sabe o que faz”.

Tive oportunidade de perceber, assim como Dona Francisca, vários moradores do assentamento vieram de outros Estados, inclusive Delcaci, nascido no Espírito Santo. Todos em busca de uma vida melhor.

Dona Francisca chegou ao assentamento há vinte e quatro anos, quando comprou o lote de uma senhora de idade – não lembrou o nome – ela resolveu vender devido problemas de saúde, já que possuía dificuldade de locomoção e o acesso ao assentamento era precário. Como conta Dona Francisca:

“(...) eu vou vender porque não agüento mais, se você quiser eu te vendo, tenho muitas dificuldades para andar e os ônibus aqui só passam de duas em duas horas, ou tem que pegar a carroça, que no meu estado é pior. A casa fica lá em cima do morro, se você quiser Francisca, eu te vendo e você vê como pode pagar (...)”.

Interessante que Dona Francisca não gostou da casa quando conheceu, pois estava acostumada à cidade; sempre trabalhou em casa de família, nunca tinha trabalhado na “roça”, viu um mato grande e uma casa necessitando de reforma, ela conta que pensou em desfazer o negócio:

“A primeira vez que vim aqui achei tudo muito feio, era tudo mato, cheio de poeira, não tinha nada. Eu voltei atrás e quis desistir do negócio. Eu parei e pensei: Deus me deu os dois braços e duas pernas, então, eu posso fazer. Foi quando, com o dinheiro que o padrinho da Adriana tinha dado para ela, eu comprei esse lote”.

Dona Francisca antes de vir para o assentamento, morava em Piabetá, numa casa alugada e trabalhava em casa de família. Ela conta que se mudou várias vezes, sempre com dificuldades em pagar o aluguel. Num desses apertos foi despejada e obrigada a morar de favor num centro de macumba, junto com a Adriana.

O período em que ela viveu neste centro foi decisivo, para que ela tivesse vindo morar no assentamento Cachoeira Grande, pois por sua opção religiosa não ser condizente com as práticas de rituais do candomblé, ela tinha que conviver em conflito com seus valores morais.

Assim a questão do estranhamento ao não pertencimento, que Dona Francisca sentia no centro, já que ela não reconhecia seus códigos como algo naturalizado. Portanto àquele espaço social não era reconhecido por ela, como algo possível.

Os rituais evangélicos, da igreja da Assembléia de Deus, são contra estas práticas, desta forma ela se viu numa situação de extrema contradição, pois por um lado a gratidão pela acolhida num momento de dificuldade e por outro a agressão as suas normas de conduta. Este momento é relatado por ela:

“Eu vivia de aluguel, paga aluguel hoje, às vezes não tinha dinheiro ou não se dava bem no lugar e tinha que se mudar. Foi até que uma vez nós fomos despejados, foi quando fomos morar de favor num Centro de Macumba, isso é que foi sufoco. Toda quarta e sexta-feira eu tinha que pegar a Adriana e a filha da minha prima, de um lado e de outro, e tinha que correr. Pois, chegava uma hora que eu não agüentava ficar lá dentro, por causa da fumaça e das coisas do demônio. Aquilo é coisa de satã. Eu já ia à igreja de crente, mas não era crente como hoje. Eu cheguei no terreiro numa quinta-feira, coloquei meu joelho no chão, e falei, assim, – se esse Deus dos crentes, for outro Deus, ele vai me ajudar a comprar pelo menos um lote para mim, pode ser um lote, mas eu vou dar um lugarzinho para construir uma Igreja.

A fé para Dona Francisca foi a responsável pela saída dela do centro e a compra de seu lote. Essa gratidão e confiança depositadas na religião é uma forma de

sobreviver, para Dona Francisca é como uma obrigação, já que Deus fez por ela, agora é sua vez de retribuir.

A construção da igreja como pagamento de parte de sua dívida não é visto como uma penitência e sim como uma “graça”. Os rituais da Assembléia de Deus, normatizam esse processo e o torna uma prática comum.

Ao chegar ao assentamento, Dona Francisca só conhecia sua vizinha, Dona Madalena. Através dela começou a conhecer Cachoeira Grande e seus moradores. Quando ela chegou o processo de desapropriação não havia começado, desta forma ela participou de todas as mobilizações e conflitos.

O fato de Dona Francisca participar de todo o processo de desapropriação, fez com que seus laços de amizade e sociabilidade se alargassem, pois durante este período foi fundamental para o êxito da luta pela terra, a unidade que se formou e as redes de proteção, onde cada morador era responsável por todo assentamento. Assim relata Dona Francisca:

“Passei muito sufoco aqui. Eu já morava aqui quando começou a luta brava, o pessoal da fábrica entrava aqui, você podia estar dormindo, que eles entravam e quebravam tudo, botavam as casas abaixo. Era todo mundo unido. Quando um via os homem chegando, já corria para avisar ao outro, que avisava o outro e assim ia, até todo mundo ta acordado e esperando os homem. Mas agora, minha filha, falta dinheiro, mas comida não falta, não”.

Assim como essa rede de proteção foi importante para o processo de luta por permanência nas terras, é possível ver que essas redes sofrem constantes modificações.

Pois, naquele momento era necessário que todos estivessem unidos, visando a proteção da terra, porém no caso da igreja essa proteção e solidariedade aparece, somente, entre os membros que se reconhecem e compartilham dos mesmo rituais.

Portanto como Dona Francisca construiu a Igreja e através da evangelização agregou mais fiéis, para sua congregação, a permanência deles, depende desta rede de controle e proteção, onde um está sempre zelando pelo seu irmão e ajudando em momentos bons e ruins. Um exemplo disto é relato na entrevista de Dona Francisca:

“Quando eu cheguei aqui eu só conhecia a dona que vendeu as terras para mim e a Dona Madalena, que mora aqui na rua mesmo. Ela mora sozinha, pois, todos os parentes morreram. Agora, conheço tudo mundo aqui de perto de casa, são todos irmãos de fé, todos da Igreja (...), eu vim para cá, tinha uma casa velha no pé do morro, limpei a casa e entrei, fui trabalhando, limpando o terreno, fazia mutirão, nós reuníamos o pessoal, eu fazia aquele panelão de cozido e vinham todos ajudar a roçar, até que, “Graças a Deus”, nós conseguimos limpar todo o terreno e pudemos plantar, os irmão da Igreja foram muito importantes, sem eles eu não teria conseguido.”

Eu notei, que a graça alcançada possui uma carga hereditária muito forte. Pois, Dona Francisca construiu a Igreja, mas deixa muito claras suas intenções, que os filhos e netos percebam que tudo que eles tem é graças a sua fé. Por isso sem fé tudo se desmorona, desta erna quando ela morrer eles devesa

“(...) agora, eu entrego na mão de Deus, primeiramente e na deles (filhos e netos). Quero entrar com usufruto, porque isso Deus me deu e eu não quero que venda, não quero que troque, não quero nada. Quando eu morrer quero que fique com os meus filhos e depois com os netos, vai morrendo e vai passando para os filhos. Porque isso foi uma coisa que eu pedi a Deus. Ele me deu, Ele abriu as portas para mim e agora vocês tenham cuidado, vocês devem acreditar e dedicar, como eu fiz a vida de vocês a Ele, só assim a vida de vocês anda. A igreja deve ser muito bem cuidada e quando eu morrer a responsabilidade é de vocês”.

Dona Francisca, hoje, é aposentada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tem uma vida tranqüila e dedicada a Igreja e a casa. Toma conta dos netos – três, dois meninos e uma menina – cozinha e cuida das galinhas. Sua maior obrigação é limpar e zelar pela Igreja, como uma verdadeira guardiã. Portanto:

“(...) o mais importante cuidado da minha Igreja, que eu prometi construir e Deus me ajudou e eu venci, consegui construir esta Igreja da Assembléia de Deus com ajuda dos irmãos e do Pastor Manuel”.

A construção da Igreja facilitou a rede de sociabilidade de Dona Francisca não só por sua convivência com os fiéis, mas por eles serem seus vizinhos – 90% dos freqüentadores são moradores da mesma rua de Dona Francisca – esta rede transcende

as relações religiosas e se estendem por outros espaços sociais. Pois um ajuda o outro, freqüentam as casas, compartilham de momentos de lazer, das festas e dos encontros.

Como ela diz:

“(…) a Igreja é muito importante na minha vida, pois quando alguém está desempregado o outro vem e ajuda. Para ser sincera eu sou a que mais precisa, sou a mais “pobrinha”. Quando a Adriana estava desempregada os irmãos vinham aqui, viam o que eu precisava e sempre traziam alguma coisa, não precisava pedir. A Igreja é onde eu tenho ajuda, quando eu me sinto meio fracassada, cada um chega com uma ajuda, com alguma coisa. Nós temos a campanha do quilo, onde sempre damos um quilo de alimento e quem precisa vai lá e pega”.

Essas relações de amizade, onde o pertencimento a mesma igreja faz com que os rituais sejam compartilhados por todos, faz com que seus integrantes se reconheçam e saibam os limites um do outro. A convivência e as interações fora do espaço religioso, reforça, ainda mais, esses laços sociais. E Dona Francisca desta forma torna-se o elo de ligação entre os fiéis, já que é a responsável direta, na ausência do pastor, pelas obrigações da congregação.

4.2 – ASSEMBLÉIA DE DEUS: A IGREJA DA DONA FRANCISCA



Igreja da Assembléia de Deus – dentro do terreno da Dona Francisca

Promessa cumprida, Dona Francisca constrói a Igreja, porém este processo não foi tão tranqüilo como imaginamos. Quando chegou à comunidade, freqüentava a Igreja dentro do assentamento do Inkra, onde conheceu o Pastor Manuel, que estava evangelizando nesta área, conversando com ele comentou sua intenção de construir uma igreja em seu terreno.

O Pastor Manuel disse que a “igreja começou no coração de Dona Francisca e depois foi para varanda de sua casa”, já que antes da construção era ali que os cultos aconteciam. Inicialmente só tinham o Pastor e a Dona Francisca, depois chegou a Dona Madalena, e ficaram os três por muito tempo, antes de chegar outros “irmãos”.

Uma curiosidade: Dona Francisca e Dona Madalena passaram por um processo de transição entre a saída da congregação que freqüentavam antes e entrada para esta, propriamente, Como diz o Pastor Manuel “é ilegal pertencer a duas Igrejas, ou vocês estão aqui ou não”. Então ele perguntou a elas: “se vocês quiserem dar prosseguimento a este sonho, vocês deveram sair da outra congregação para formamos a nossa”. E assim, foi feito, elas se desligaram e começaram a evangelizar pelas redondezas.

Através da evangelização passavam inicialmente nas casas dos moradores da rua, as duas moram na mesma rua, Estrada da Cachoeira, conversavam, ajudavam, faziam convites a conhecer a Igreja, pregavam. Além da evangelização nas redondezas trouxeram alguns irmãos da Igreja anterior a que pertenciam.

Isso demonstra, mais uma vez, como a competição entre as religiões acontece não só no plano de suas divergências religiosas, mas também entre os iguais. Ou seja, a competição e a concorrência acontecem tanto entre as diversas correntes religiosas, bem como entre as congregações de uma mesma Igreja. Porém, a competição em sua ambigüidade tem poder sociativo, já que une as partes e forma grupos, como diz Simmel:

(...) a competição tem, apesar de tudo, este enorme efeito sociativo.

A competição impele o pretendente que tem um rival – e muitas vezes só desse modo chega a tornar-se um pretendente propriamente dito – a procurar o objeto pretendido, a aproximar-se dele, a estabelecer laços com ele, a descobrir suas forças e fraquezas e ajustar-se a elas, a encontrar todas as pontes ou a criar novas, que possam conectá-lo ao próprio ser e obra do concorrente.

(1983:139)

Portanto, percebemos isso no processo de evangelização e nas inúmeras discussões que, pelo menos uma vez, na vida, passamos, acerca da melhor religião ou da melhor congregação, onde os integrantes das partes concorrem sem nenhuma cerimônia ao posto de melhor fiel.

A religião ocupa um papel importante na formação das redes de sociabilidade. As Igrejas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando um aumento de auto-estima, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Percebe-se isso com frequência nesta Igreja, por exemplo, na campanha do quilo, onde um ajuda o outro, num processo de solidariedade e confiança que se forma entre seus pares.

Ouvi por várias vezes, durante os cultos, que participei, na hora do testemunho, os irmãos, falarem: “eu estava muito ruim hoje, que quase não vim, mas pensei em Jesus e na sua misericórdia, juntei minhas forças e vim e ao chegar aqui, tudo ficou melhor, não senti mais nada”. Esse poder que a Igreja possui sobre o indivíduo é, principalmente, em regiões carentes, fundamental para sobrevivência de uma comunidade, já que a partir desta força o indivíduo consegue reagir e encontrar seus pares, geralmente pessoas que estão passando pelas mesmas dificuldades, e formar com elas uma unidade que se solidifica com muito mais força.

Esta relação de reciprocidade entre os fiéis da comunidade de Cachoeira Grande simboliza no princípio bíblico de ajudar primeiro os “irmão de fé”¹⁷. Assim, mais uma vez, retornamos a idéia de pertencimento, pois, no momento que o fiel necessita ele sabe que pode contar com a cooperação dos irmãos.

¹⁷ Aqui podemos chamar os freqüentadores do mesmo templo.

No contexto desta igreja, especificamente, as atividades e práticas religiosas, reúnem, sobretudo os vizinhos e parentes. Pois, todas as dezoito pessoas que pertencem à congregação moram no assentamento, são famílias, vizinhas a Dona Francisca. Portanto, retornamos a idéia de manutenção, já que ao pertencerem ao mesmo grupo, estreitam as redes de sociabilidade e de solidariedade.

Estas relações de controle, cooperação, solidariedade, competição, podem parecer conflitivas já que esses conceitos são contrários por natureza. Porém, na verdade eles convivem de maneira bastante harmônica na formação do grupo, onde os integrantes absorvem suas funções, naturalizando-as, deixando assim, de ser algo agressivo.

A Igreja, desta maneira, passa a ter importância na vida de seus integrantes, não só nas questões da alma e da fé, mas principalmente na convivência entre os moradores. As interações entre seus membros são responsáveis pela convivência entre vizinhos, já que as relações transpõem a religiosidade, nos almoços, nas visitas em casos de doença, nas colheitas e divisões de alimentos, onde a troca se faz uma prática recorrente, nas ajudas recíprocas, agora não mais por pertencerem a mesma igreja, mais também, por isso.

As formas de comportamento social deste grupo são marcadas por um controle harmonioso, já que as regras de conduta, embora não obrigatórias, tornam-se uma marca simbólica de pertencimento ao grupo, desta forma as pessoas naturalizam suas práticas de tal forma, que ao se cristalizarem, não conseguiriam, mais, deixar de reproduzi-las.

Para entender um pouco mais essas relações de sociabilidade que se formam através das interações entre seus membros e, principalmente, entender e analisar as intenções por trás de suas práticas se faz necessário demonstrar alguns rituais e práticas

religiosas através do culto. Para tanto, participei de alguns cultos, porém aqui irei descrever o dia em que fui à consagração, numa terça-feira, pela manhã.

4.3 – A CONSAGRAÇÃO

Participei de três cultos, dentre eles o da consagração, realizado toda terça-feira, das 08:00 às 10:00 da manhã. Aqui, cabe relatar este último encontro. Cheguei logo no início, tinham apenas quatro pessoas, todas mulheres

social. Neste dia se falou sobre os problemas ocorridos em São Paulo¹⁸, tentando de alguma maneira justificar os eventos através da ausência de Deus, partindo do princípio que as pessoas envolvidas nos últimos acontecimentos, violentos, desta cidade estavam acometidos de doenças espirituais.

A partir deste momento o Pastor “convida” a todos “dobrarem seus joelhos” de forma persuasiva, dizendo:

“Então vamos dobrar os nossos joelhos, quem pode, não é obrigado. A casa de Deus não é obrigada a nada. Vocês fazem o que quer o seu coração. Eu tenho uma dor aqui, um problema ali, não pode dobrar, não tem problema. Agora é aquele negócio, quem pode dobrar e não dobra, pode perder a fé. Eu to falando isso aí, agora é com vocês, vamos lá, eu vou dobrar o meu joelho (...)”.

Neste momento a autoridade exercida pelo Pastor surtiu como uma obrigação, onde antes mesmo do Pastor mencionar as conseqüências acarretadas por esse ato, todos os fiéis dobraram seus joelhos, curiosamente de costas para o Pastor, com a cabeça encostada na parte de trás do banco. Na realidade os rituais uma vez absorvidos pelo grupo, tornam-se uma obrigação no sentido de pertencimento, já que, mesmo não sendo uma obrigação, caso um dos membros não o fizesse teria as atenções dirigidas a ele. Digo isso, pois, fui a única a não dobrar e notei que todos perceberam minha atitude.

Ainda com os joelhos dobrados o Pastor orou e louvou durante alguns minutos, falando palavras repetidas, sempre acrescidas de “Louvado Seja meu Senhor”, “meu Senhor da Glória” e “Aleluia” pedindo neste momento por toda a comunidade, pela

¹⁸ Atentados ocorridos em maio de 2006 no Estado de São Paulo, onde morreram várias pessoas.

lavou, pelas famílias, pelos doentes, pelos marginais, por mim, aos políticos em instâncias municipais, estaduais e federais, além da política internacional, num ritual bastante atordoante, já que todos os fiéis, de costas, faziam suas orações desta mesma forma e ao mesmo tempo.

Neste momento todos se levantaram e o pastor leu uma passagem da Bíblia – Mateus, capítulo nove, versículo vinte dois. – “Mas Jesus, voltando-se e vendo-a, disse:” coragem, filha tua fé te salvou “. E no mesmo instante a mulher foi curada”. Mais uma vez, reforça-se a fé entre os irmãos. Seja pelo ato de dobrar os joelhos, seja pelas palavras proferidas, a Fé é o grande elo de união deste grupo.

Ao terminar a oração todos se levantaram e o Pastor chamou os irmãos um a um, que participavam do mesmo ritual para que se dirigissem à frente e pregassem, fosse cantando, lendo algum pedaço da Bíblia ou orando. A primeira a ir foi a Dona Francisca, que cantou um Hino, seguida da Irmã Marli, Madalena, Rosa, Geralda e Adriana, que está a menos tempo na congregação.

Então o Pastor faz um breve discurso falando sobre a comunidade e sobre a importância de não levarmos nossos problemas para fora de nossos lares: “Se vocês tiverem um problema, não vão falar para o vizinho, o amigo, não tem que falar para ninguém. Pois ao falar vocês podem estar trazendo mais problemas para vocês” e dá um exemplo de sua vivência: “eu, por exemplo, perdi um filho, mas sofri calado, se me perguntassem se eu estava bem, eu dizia que estava, mas só eu sabia, como eu estava aqui por dentro”.

Esta dimensão de resignação aparece para testar a fé, “Deus quis assim”, então não cabe a nós nos lamentarmos. O fiel deve se sentir prestigiado pela fé, pois, desta forma homenageia Deus, como diz Simmel:

O prestígio aparece como a mais espontânea homenagem à pessoa superior. O reconhecimento da autoridade talvez implique, na verdade, uma liberdade mais completa que o encanto emanado do prestígio de um príncipe, de um padre, de um líder militar ou espiritual. (...) Aqui, precisamente porque a devoção refere-se apenas ao totalmente pessoal, ela parece fluir somente dos fundamentos da personalidade, com sua inalienável liberdade”.

(1983:110)

Desta maneira, a autoridade de Deus não deve ser jamais contestada. Para tanto a devoção não é algo obrigatório, porém o seu prestígio a Ele deve se dar da forma mais natural possível.

Retornando a consagração, após proferir suas palavras, dá-se encerramento ao ritual, um pouco antes da hora, para me deixar conversar com os irmãos, na verdade. Percebo que o interesse era muito mais, fazer perguntas sobre minhas intenções.

Ao terminar a consagração algumas pessoas ficam conversando um pouco, antes de ir embora, ou dando recados. Dentro de poucos minutos a igreja fica completamente vazia. Perto da hora do almoço, todas vão para suas casas, para os afazeres domésticos.

Este “evento”, pois, como diz Huizinga: “O culto é, portanto, um espetáculo, uma representação dramática, uma figuração imaginária de uma realidade desejada”(2005:19) é uma forma de celebração para estes fiéis, por existirem e estarem unidos, uma maneira de permanecerem unidos. Pois, novamente, como fala Huizinga: “As formas desse jogo litúrgico deram origem à ordem da própria comunidade(...)”. Assim os cultos aparecem para a Igreja como a forma mais pura de sociação, pois, a partir dessas reuniões estes fiéis interagem entre si, não só na dimensão religiosa, mas

também nas relações cotidianas, dividindo experiências, refletindo e discutindo sobre acontecimentos da comunidade mais geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta dissertação tinha uma centena de perguntas sem respostas e acreditava ser capaz de responder todas, conhecer todos os moradores, analisar todas as Igrejas, todos os lugares de sociabilidade do meu objeto de estudo. Ao me deparar com a realidade pude perceber que o tamanho de nossa arrogância inicial é proporcional aos limites impostos para a realização deste trabalho. Limites como prazos para a conclusão, distancia entre o assentamento e meu logradouro, recursos financeiros, uma lista de infindáveis situações que me impediram de ir com a frequência que deveria.

Por outro lado as visitas ao assentamento foram todas muito proveitosas e satisfatórias, pude contar inúmeras vezes com o objeto surpresa, “sorte”. Isto me remete ao último encontro com o Delcaci, na associação de moradores. Estive lá para preencher lacunas que ficaram em aberto e ao final de minhas perguntas ele parou, olhou para mim e disse: “agora sou quem quero te perguntar”. Coloquei-me a disposição para responder, ele fez uma única pergunta: “e aí, conseguiu alcançar seu objetivo? Então, me diz o que você achou da comunidade, dos grupos, das pessoas?”.

Bem, a esta conclusão, vale também como resposta ao Delcaci, neste caso, representando as pessoas que participaram diretamente deste projeto, entre eles, os entrevistados, os jogadores de futebol, os torcedores, os irmãos da Igreja Assembléia de Deus e os funcionários da Associação de Moradores.

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender as redes de sociabilidade de dentro da comunidade, Cachoeira Grande, como se formam os grupos e quais os mecanismos encontrados para sua manutenção.

O caminho que percorri começou com o mapeamento das redes de sociabilidades do assentamento, privilegiando a associação de moradores, o Campo de Futebol e a Igreja da Assembléia de Deus, dentro do terreno da casa da Dona Francisca, por serem esferas de sociabilidade densas, heterogêneas, fragmentadas e simultaneamente permeadas por relações intensas de interações sociais.

Relatei de maneira breve, a história deste Assentamento; deste modo pude dar uma dimensão de quem são esses moradores, quais são suas preocupações e entender a formação espacial desta comunidade, viabilizando a compreensão do lugar, de forma a não precisar ir ao local para conhecê-la.

A descrição minuciosa dos lugares, como a Igreja, a Associação e o campo de futebol, bem como, as principais ruas, serviu para entender melhor a participação dos atores através dos espaços sociais.

Analisei de forma concisa os principais conceitos de Georg Simmel acerca da sociabilidade, tornando possível a compreensão da análise das interações sociais em suas formas de sociação. O arcabouço teórico utilizado nesta pesquisa foi Simmel, pensei a comunidade como uma resultante das ações e reações dos moradores entre si, ou seja, de suas interações.

Através das trajetórias e encontros sociais, promovidos pela Associação de Moradores, enfoquei análises sobre as relações entre os moradores e as práticas políticas, sem intenção a militância. Revelei quem são os atores que participam deste “jogo”. Mostrei como, ao se relacionarem, eles são capazes, de ao mesmo tempo, se confraternizarem e criar mecanismos de manutenção do grupo.

Demonstrei a preocupação da comunidade, principalmente, da associação, com a possível entrada de estranhos, o controle como exercício de preservação, seja no âmbito

da observação, seja nas vendas dos lotes. Apontei, neste caso o inimigo comum, aquele que não é agricultor.

Dentre os mecanismos de preservação do grupo, apontei a preocupação em formar novas lideranças, fazendo com que o grande alvo de políticas sociais desta comunidade sejam os jovens, quer na inserção do mercado de trabalho ou na promoção de eventos com intuito de reunir as pessoas.

Analisei a religião através de suas relações sociais mais diversas. Descrevi a Igreja da Assembléia de Deus em suas múltiplas funções, tanto de aconchego espiritual, como de reunião de moradores, assim como apontei as formas de autoridade e competição entre as congregações.

Foi possível apontar as intenções do ritual no culto da Igreja da Assembléia de Deus, como forma de preservação dos fiéis. Ou seja, discuti os instrumentos de controle utilizados pela igreja para manutenção do grupo.

Destaquei a importância do campo de futebol para a sociabilidade desta comunidade, principalmente entre os homens, relação com o lazer obrigatório, devido a escassa opção de lazer nesta região, bem como pelas dificuldades de acesso, já que o transporte é precário.

Ressaltei o campo de futebol não só como espaço de lazer, mas também como encontro, reunião, paquera, onde as intenções das pessoas durante a partida são as mais variadas possíveis, demonstrando assim intensas relações de interação social.

As relações de respeito, com intenções diversas a necessidade de não se apontar conflitos, isto como uma forma de preservar o grupo “roupa suja se lava em casa”. Este clima de harmonia entre religiões e jogos e vivências foram descortinados, ponto a ponto, capítulo a capítulo.

Apontei as relações de reciprocidade, que constitui a cotidiano dessas pessoas, mesmo com toda rivalidade que possa haver, existe uma unidade que se forma através das necessidades mútuas e da cooperação entre as pessoas visando sempre os objetivos comuns, que é a manutenção e preservação da comunidade agrícola.

Abordei a questão de pertencimento como privilégio, pois tanto na comunidade, quanto em seus grupos mais particulares: a família, a Igreja, o futebol, a vivência dos moradores faz com que eles criem mapas de relacionamentos que distinguem localidades, pessoas e eventos.

Para concluir, é importante apontar as duas grandes formas de sociabilidade desta comunidade. A primeira o ato de reunir, desta maneira em suas múltiplas funções, seja para o lazer, seja para religião, seja para política, seja na família, que se percebe como uma unidade comum a todos os grupos, as diferenças se dão no âmbito das intenções, porém o objetivo é comum a todos a manutenção do grupo. E a segunda forma, que tem uma certa unidade, são as relações dos moradores com a associação, onde associados ou não, a autoridade exercida pelas lideranças é vista como grande controlador, visando a preservação da união deste grupo. Mesmo nas Igrejas mais ortodoxas, que é o caso da Assembléia de Deus, você nota o respeito que a autoridade da Associação possui.

Portanto, creio ter respondido não todas as perguntas que existem, mas todas as que me propus responder. Desta forma Delcakil, posso deixar claro, que meu objetivo foi alcançado na medida em que mapeie as redes de sociabilidade, travei contatos, entrevistei, participei das relações mais particulares da comunidade, estando em eventos e cultos, conversei, almocei, e cooperei. Portanto, assim, através desta amostragem, que pode parecer pequena, mais que deu conta de estar em vários espaços de distintas presenças e usos, analisar suas relações sociais.

Não tenho dúvidas que muitas outras perguntas vão surgir, formuladas ou não por mim, e com certeza, já que se trata de um assentamento rural, e como tal está sempre se modificando, sempre recebendo novos moradores, novas relações de poder. Algumas relações como a unidade e a preservação, permanecem, porém outras se modificam. Assim espero que esta pesquisa desperte mais perguntas em outras pessoas, para que haja uma constante reflexão.

Aqui, deixo meu muito obrigado a todos os moradores para que possam com esta pesquisa, conhecer um pouco melhor de suas angústias e refletindo sobre elas visar o crescimento enquanto comunidade rural.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- COMERFORD, J.C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999. (Col. Antropologia da política; 5).
- _____. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003. (Col. Antropologia da Política; 22).
- DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano (artes de fazer). Petrópolis: Vozes, 1996.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- FERNANDES, B.M. *MST: formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1999
- GRAZIANO DA SILVA, José. *O que é questão agrária*. 12ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LINHARES, Elizabeth...[et.al.]. *Conhecendo assentamentos rurais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- NETTO, J. P. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAIS, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. Tr. Carlos Alberto Pavanelli ... et. Al.] São Paulo: Ática, 1983.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Tr. Renato Busatto Neto... [et. al] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WEBER, M. *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 2001. (Col. Grandes Cientistas Sociais).

WEID, Elisabeth Von der e BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *O fio da meada: estratégia de expansão de uma indústria têxtil: Companhia América fabril: 1878-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

ANEXOS

Figura 1



Galpão de Alveamento – Tanques

Figura 2



Galpão de Alveamento – Área Interna

Figura 3



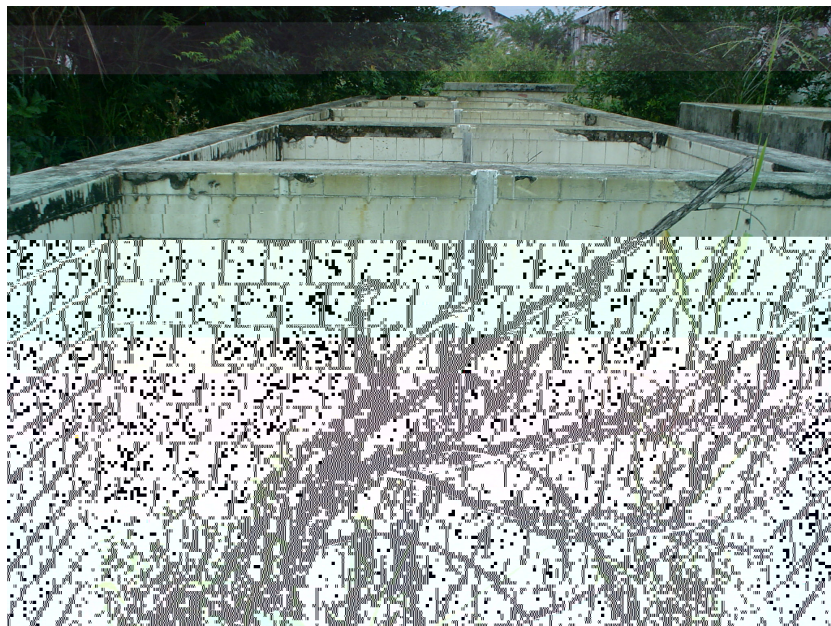
Galpão de Alveamento – Chaminé

Figura 4



Galpão de Alveamento

Figura 5



Galpão de Alvejamento – Tanques

Figura 6



Sede da Associação de Moradores – Estrada da Cachoeira

Figura 7



Estrada da Cachoeira esquina com Rua Brasília

Figura 8



Sede da Associação de Moradores - Biblioteca

Figura 9



Sede da Associação de Moradores - Biblioteca

Figura 10



Sede da Associação de Moradores - Cozinha

Figura 11



Sede da Associação de Moradores - Cozinha

Figura 12



Barraca do Carlinhos

Figura 13



Faixa do Patrocinador do Torneio

Figura 14



Troféus

Figura 15



Disputa de Pênaltis

Figura 16



Joilton - Juiz

Figura 17



Joilton – Início do primeiro jogo

Figura 18



Alvejamento Futebol Clube

Figura 19



Cachoeira Grande Futebol Clube

Figura 20



Tabajara Futebol Clube

Figura 21



Oração no início dos jogos

Figura 22



Dona Francisca de Jesus

Figura 23



Grupo vencendo pela Fé

Figura 24



Pastor Manuel Batista

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)